

PUCRS

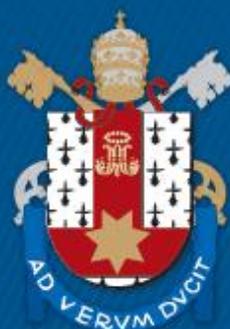
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ALEXANDRA GARCIA GRIGORIEFF

**DESINVESTIMENTOS E INVESTIMENTOS: DESAFIOS PSÍQUICOS AO SUJEITO NA
EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA**

Porto Alegre
2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

DESINVESTIMENTOS E INVESTIMENTOS: DESAFIOS PSÍQUICOS AO SUJEITO NA
EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

ALEXANDRA GARCIA GRIGORIEFF

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Porto Alegre
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**DESINVESTIMENTOS E INVESTIMENTOS: DESAFIOS PSÍQUICOS AO
SUJEITO NA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA**

ALEXANDRA GARCIA GRIGORIEFF

ORIENTADORA: Profa. Dra. TATIANA QUARTI IRIGARAY

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Clínica.

Porto Alegre, Janeiro de 2018.

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**DESINVESTIMENTOS E INVESTIMENTOS: DESAFIOS PSÍQUICOS AO
SUJEITO NA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA**

ALEXANDRA GARCIA GRIGORIEFF

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Tatiana Quarti Irigaray

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Orientadora – Presidente

Prof.^a Dr.^a Bárbara Conte

Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG)

Prof. Dr. Carlos Henrique Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Porto Alegre, Janeiro de 2018.

Ficha Catalográfica

G857d Grigorieff, Alexandra Garcia

Desinvestimentos e investimentos : desafios psíquicos ao sujeito na experiência migratória / Alexandra Garcia Grigorieff . – 2018.

96 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray.

1. Migração haitiana. 2. Subjetividade. 3. Sujeito. 4. Movimentos migratórios. 5. Psicanálise. I. Irigaray, Tatiana Quarti. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Texeira CRB-10/1974

Tenho, eu, porventura - ainda um feto? Um porto para o qual ruma a minha vida? Um bom vento? Ah, somente quem sabe para onde vai sabe, também, que vento é bom e favorável à sua navegação. Que me restou, ainda? (...) Esta procura por meu lar(...) foi minha provação(...) Onde está - o meu lar? Por ele pergunto e o procuro e o procurei e não o encontrei. (Nietzsche, 1883)

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradeço imensa e carinhosamente à minha orientadora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, a quem tanto admiro e com quem tive a honra de conviver e aprender desde os tempos da graduação. Não tenho palavras para agradecer por todo o amparo e a confiança durante o meu percurso como bolsista de iniciação científica e mestranda, pelo cuidado e sensibilidade na escrita, pelo afeto dos nossos encontros e, principalmente, pelo desejo de seguir me orientando para além da academia. Obrigada por ser minha companhia nas viagens da vida e me apresentar tantos caminhos que me eram estrangeiros e que tive o prazer de trilhar ao teu lado.

AGRADECIMENTOS

O percurso da construção desta Dissertação de Mestrado foi marcado por diversos desafios e conquistas, os quais adquiriram tamanho valor em consequência das pessoas que estiveram ao meu lado nesses momentos. Assim, quero agradecer a todos que de alguma forma participaram desse processo.

Ao meu noivo e, em breve, esposo João Pedro Fahrion Nüske, pela linda e verdadeira história que construímos juntos, pela cumplicidade e parceria que nos une, pelo olhar que encoraja, pelo carinho que conforta e, acima de tudo, pela certeza da presença ao meu lado nos momentos mais emocionantes da minha vida.

Aos meus pais, Jacqueline Garcia Grigorieff e Alexandre Grigorieff, pelo constante amor e acolhimento, pela união da nossa família, pela confiança nos meus passos, pelo permanente apoio, incentivo e participação em todas as minhas escolhas e projetos e, principalmente, pela garantia de um porto seguro.

À minha irmã, Roberta Garcia Grigorieff, pela autenticidade da nossa amizade, pelo constante companheirismo, e pela leveza, sinceridade e bom humor que marcam a nossa relação.

Ao Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, pelo terno acolhimento, pelo encontro com pessoas que eu admiro, por ter despertado em mim o amor pela pesquisa e fomentado a curiosidade nos estudos em Psicanálise.

Ao Cristiano Dal Forno, pela imensa parceria na construção do Projeto Maior ao qual esta dissertação está vinculada, pelo permanente companheirismo no percurso desse Mestrado, e pelo inestimável valor da nossa amizade.

À minha querida amiga Rita Hentz pela cumplicidade e leveza dos nossos encontros, pela saudade da nossa convivência, e pela sintonia e afinidade da nossa relação.

Ao meu colega e parceiro de Mestrado Davisson Giaretta, pela parceria nos estudos e investigações, pelo compartilhamento dos desafios acadêmicos, e pela descontração do nosso convívio.

Às minhas colegas e amigas Bibiana Altenbernd, Paula Kegler e Fernanda Cesa, por serem meus modelos de psicólogas, e pelo afeto, carinho e bom humor que marcam a nossa amizade.

À minha amiga e colega de consultório Renata Freitas Ribas pela afinidade no nosso convívio, pelos momentos de alegria e descontração e pelos desafios e conquistas compartilhados.

À minha colega Mariana Steiger Ungaretti, pela leveza da nossa convivência no primeiro ano de Mestrado.

Às professoras e amigas Roberta Araujo Monteiro e Carolina de Barros Falcão, pelo afeto nas nossas trocas, pelo inestimável valor do que me ensinaram sobre Psicanálise e Pesquisa.

Às minhas amigas e auxiliares de iniciação científica Mariana Felin, Raíssa Ramos da Rosa, Isadora Colombo, Elisa Andreola e Marcela Gonçalves, pelo auxílio na transcrição das entrevistas, pela convivência alegre e afetuosa ao longo desse percurso.

Ao meu colega e amigo Róger de Souza Michels, pela inquietude nas nossas discussões e reflexões, pela riqueza dos nossos momentos de estudos e pela afetiva convivência e parceria.

À minha amiga e supervisora Patrícia Rutsatz, por ser minha inspiração como Psicanalista, pelas carinhosas palavras que me confortam, pelo afeto permanente da nossa relação e convivência.

À minha amiga e colega de Mestrado Nathalia Amaral, pela amizade que construímos nesse percurso, pela cumplicidade na representação discente deste Programa de Pós-

Graduação em Psicologia/PUCRS, e pela parceria no desenvolvimento da Associação dos Representantes Discentes da PUCRS.

Às minhas fiéis amigas de todas as horas Fernanda Halpern e Laura Hertz, pelo precioso valor da nossa amizade, pela leveza da nossa convivência, pelos frequentes momentos de alegria, pelo compartilhamento de conquistas e pela certeza da torcida e da vibração.

À Claudia Diniz pela sensibilidade na escuta.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação e minha formal orientadora, Tatiana Irigaray, pela afetiva convivência e pela confiança nesse processo.

Ao professor Dr. Adolfo Pizzinato, pelas preciosas contribuições realizadas no Exame de Qualificação do Projeto de Dissertação.

À Dra. Bárbara Conte e ao Dr. Carlos Henrique Kessler, pela leitura sensível do Projeto de Dissertação e pelos importantes assinalamentos no Exame de Qualificação.

Aos haitianos participantes desta pesquisa, pela afetiva disponibilidade, pelo compartilhamento das suas histórias e pela riqueza das suas narrativas.

À equipe do Programa da Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da PUCRS, pelo auxílio sempre prestado durante todo o Mestrado.

Ao CNPq, pelo incentivo à pesquisa e pelo auxílio financeiro que viabilizou a realização desta Dissertação de Mestrado.

A todos meu carinhoso agradecimento!

SUMÁRIO

Resumo.....	10
Abstract.....	12
Relação de Tabelas.....	14
Introdução.....	15
SESSÃO TEÓRICO-CLÍNICA.....	21
<i>Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar.....</i>	21
SESSÃO EMPÍRICA.....	47
<i>Migração Haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso.....</i>	47
Considerações Finais.....	82
ANEXOS.....	85
Anexo A.....	86
Anexo B.....	90
Anexo C.....	92
Anexo D.....	94

RESUMO

Esta Dissertação possibilitou explorar os singulares processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória de sujeitos haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Por meio da apresentação de elementos da história do Haiti e do processo de migração haitiana, ilustrou-se os desafios psíquicos impostos ao sujeito nesse processo de deslocamento humano. A Dissertação é composta por duas seções de estudo sobre a temática da migração haitiana, sendo ambas de cunho qualitativo. A primeira seção, teórico-clínica, intitula-se **“Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar”**; e a segunda seção, empírica, é denominada **“Migração haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso”**. Na seção teórico-clínica buscou-se explorar as condições psíquicas do sujeito migrante, bem como abordar a relevância da atenção direcionada ao mesmo. Retratou-se, nessa seção, aspectos que permitem identificar riscos decorrentes da condição de vulnerabilidade psíquica presente nesse fenômeno. A seção empírica proporcionou uma reflexão a respeito das complexas motivações que sustentam o movimento migratório, bem como abordou a existência e/ou a fragilidade dos recursos de enfrentamento por parte do sujeito migrante, considerando-se que as condições do país de destino acabam, por vezes, reeditando o desamparo já experimentado no país de origem. Todos os participantes do estudo residiam no Brasil há mais de um ano e participaram de duas entrevistas individuais e semidirigidas. Os dados obtidos foram analisados por meio da Análise Interpretativa, proposta por Erickson (1997), e explorados com contribuições teóricas da Psicanálise. A seção empírica é composta pela formulação de duas Asserções, que contemplam a reflexão sobre a complexidade de processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória. A primeira Asserção é intitulada **“O singular mal-estar no enfrentamento de demandas intrapsíquicas e intersubjetivas”**, e a segunda Asserção, é denominada **“O somatório de excessos nos diferentes tempos de**

(des)ilusão”. Considera-se que a modalidade de escuta ofertada na pesquisa propiciou condições de atenção e cuidado àquilo que, por vezes, tende a ser excluído da produção de conhecimento no âmbito científico sobre o processo migratório. Nessa perspectiva, uma das contribuições decorrente desta pesquisa refere-se ao destaque atribuído aos aspectos psíquicos e subjetivos, para que cada vez mais as intervenções no campo de fenômenos migratórios possam considerar o sujeito migrante em sua complexidade.

Palavras-Chaves: Migração haitiana; Subjetividade; Sujeito; Movimentos migratórios; Psicanálise.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.10.00 – 7 – (Tratamento e Prevenção Psicológica).

ABSTRACT

This Dissertation has allowed exploring the singular psychic disinvestments and investments process, inherent to the migratory experience of Haitian subjects who have come to Brazil after the earthquake which occurred in Haiti in 2010. Through presentation of Haiti history elements and the Haitian migratory process, it have been illustrated the psychic challenges that have been embraced to the subject in this process of human displacement. The Dissertation is composed by two study sections about the Haitian migration theme, being both of them of a qualitative mark. The first section, which is theoretical-clinical, is entitled as “Singulars displacements in migrate’ psychic experience”; and the second section, which is empiric, is called “Haitian migration: the subject face the (re)union with the excess”. In the theoretical-clinical section, it has been intended to explore the psychic conditions of the migrant subject, as well as to approach the relevant attention directed to him. It has been depicted, in this section, aspects that allow identifying risks due to the vulnerability psychic condition present in this phenomena. The empiric section has provided a reflection about the complex motivations which sustain the migratory movement, as well as has approached the existence and/or the fragility of the confrontation resources by the migrant subject, considering that the conditions in the destination country end up, sometimes, reediting the helplessness that has been already experienced in the home country. All the participants of the study live over a year in Brazil and have participated of two individual and semi-structured interviews. The obtained data have been analyzed by the Interpretative Analysis proposed by Erickson (1997), and have been explored with Psychoanalysis’ theoretical contributions. The empiric section is composed by the formulation of two Assertions which contemplate a reflection about the psychic disinvestments and investments complexity process inherent to the migration process. The first Assertion is entitled as “The singular unrest in the confrontation of intra-psychic and inter-subjective demands”, and the second Assertion,

denominated as “The excess summary in different times of (dis)illusion”. It is considered that the listening modality that has been offered during the research has provided attention and care conditions to what tend, sometimes, to be excluded of the knowledge production in the scientific scope about the migration process. In this sense, one of the contributions stemming this research refers to the highlight attributed to the psychic and subjective aspects, so that the interventions in the field of migratory phenomena can increasingly consider the migrant subject in his complexity.

Key-words: Haitian migration; Subjectivity; Subject; Migratory movements; Psychoanalysis.

Area as CNPq rating: 7.07.00.00-1 (Psychology)

Subarea as classification of CNPq: 7.07.10.00-7 (Treatment and Psychological Prevention)

RELAÇÃO DE TABELAS

Seção empírica

Tabela 1 – Relação dos dados dos participantes obtidos nas entrevistas.....	51
---	----

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado, intitulada **“Desinvestimentos e investimentos: desafios psíquicos ao sujeito na experiência migratória”**, partiu do interesse gerado a partir da constatação de que o fluxo migratório mundial se apresenta acentuado, de modo que há um número significativo de sujeitos expostos a riscos físicos e psíquicos e a condições de vulnerabilidade. Dessa forma, assevera-se a relevância e a preocupação, em nível mundial, a respeito dos complexos elementos implicados nos movimentos migratórios.

As migrações internacionais constituem um fenômeno presente na história da humanidade, podendo ser considerado simultaneamente, histórico e contemporâneo. Para sua abordagem torna-se imprescindível incluir reflexões que abranjam níveis econômicos, culturais, sociais, políticos e subjetivos. Embora seja um fenômeno que se presentifica ao longo de toda a História, na contemporaneidade este adquire novos contornos, que indicam a imperiosa necessidade de ultrapassar a compreensão de que a migração faz parte da natureza humana. Nesse sentido, o fenômeno migratório configura-se como uma complexa e dramática realidade, sobre a qual interferem, significativamente, aspectos relativos à crise mundial política, econômica e social. Tal constatação não deixa dúvidas quanto ao fato de ser fundamental ampliar a compreensão e a discussão sobre esse acontecimento.

Considera-se, conforme Marinucci e Milesi (2011), que o novo milênio se iniciou em clima de desconfiança, na medida em que a humanidade conheceu a extrema violência advinda de Auschwitz, de Hiroshima, das ditaduras militares, da depredação do meio ambiente e do empobrecimento dos povos do sul do mundo. Nessa perspectiva, incrementada com os atentados americanos de 11 de setembro, “as migrações, que no passado eram vistas como um potencial de trazer novidades enriquecedoras, agora são tidas como uma fonte de terrorismo, ameaça ao emprego dos autóctones e à segurança dos Estados” (Marinucci & Milesi, 2011, p.3).

Nesse sentido, a temática das migrações gera intensa preocupação na contemporaneidade, bem como questionamentos sobre suas motivações e consequências. De acordo com Silva e Alves (2017), os motivos da migração estão, a princípio, relacionados à impossibilidade de permanecer e/ou sobreviver no país de origem, levando o sujeito a buscar, em outro país, melhores condições de vida e emprego.

O Brasil recentemente voltou a ocupar lugar de destaque como ponto de chegada no cenário das migrações internacionais. Esse fato convida a lançar luz sobre o fenômeno da migração haitiana. Após o terremoto ocorrido no Haiti, em 2010, milhares de haitianos passaram a buscar, dentre outros países, o Brasil, como possibilidade de encontrar um novo lar, de construir subsídios financeiros e alcançar estabilidade laboral para sustento de suas famílias. Trata-se, portanto, da expectativa da motivação de migrantes haitianos, ao vislumbrar nas terras brasileiras, conforme Santos e Cecchetti (2016), efetivas oportunidades para reconstruir suas vidas e solucionar as dificuldades vivenciadas no país de origem. Tais dificuldades dizem respeito a precárias oportunidades de emprego, à extrema violência no país, a escassas possibilidades de qualificação e, em muitas vezes, a riscos de sobrevivência (Fernandes & Castro, 2014).

A migração, apesar de ser considerada como a passagem pelas fronteiras entre países, abarca fenômenos que ultrapassam o período da mera transição geográfica. Tal percurso abrange desde o momento em que a saída do país torna-se uma via para sobreviver, até os impactos e os impasses vivenciados no país de chegada. Nessa perspectiva, destaca-se a inegável complexidade presente no movimento migratório, o qual tem perpassado urgentes discussões, estando cada vez mais presente em pesquisas que se desenvolvem no Brasil (Cogo, 2014; Cogo & Silva, 2016; Costa & Reusch, 2016; Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Pacífico & Pinheiro, 2013; Rosa, 2015; Silva, 2015; Da Silva & Lima, 2016).

Nesse sentido, o objetivo desta Dissertação de Mestrado foi desenvolver uma investigação a respeito dos processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória de sujeitos haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Tratou-se de explorar os desafios psíquicos enfrentados nesse percurso. Assim, esta investigação teve como eixo central o resgate da condição subjetiva do migrante, considerando-o na singularidade de sua história de vida. Desse modo, nesta pesquisa, o migrante não foi visto como uma “categoria”, mas convidado a narrar-se como protagonista de uma singular experiência.

A partir dessas considerações, faz-se importante ressaltar que esta pesquisa está vinculada a um Projeto Maior intitulado “*Movimentos Migratórios: Complexidades e Demandas à Investigação em Psicanálise*”, coordenado pela Dr^a. Mônica Medeiros Kother Macedo, que envolve, ainda, o desenvolvimento de duas Teses de Doutorado. O Projeto Maior, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, via Parecer Consubstanciado de N^o 1.743.178 (ANEXO A), apresenta como objetivo geral explorar complexidades e demandas psíquicas relativas às vivências do migrante.

Esta Dissertação de Mestrado é composta por duas seções de estudo sobre a temática das migrações, sendo ambas de cunho qualitativo. A primeira seção é teórico-clínica, intitulada “**Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar**”; e a segunda seção é empírica, denominada “**Migração haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso**”.

A seção teórico-clínica buscou explorar, a partir da narrativa de um migrante haitiano, as condições psíquicas do sujeito na experiência migratória, bem como a relevância da atenção direcionada àquele que migra. Retratou-se, nessa seção, aspectos que permitem identificar riscos decorrentes da vulnerabilidade psíquica diante do experienciado no processo de migração para o Brasil. Constatou-se a relevância da reflexão a respeito da implicação de

fatores subjetivos no processo migratório, os quais permitem desvelar um universo marcado por complexidades psíquicas e existenciais, bem como o potencial da prática de pesquisa como modalidade de escuta à singularidade presente em um fenômeno humano.

A segunda seção, que responde mais diretamente ao objetivo do Projeto de Dissertação, explorou os singulares processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória de sujeitos haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Para tal, foram realizadas duas entrevistas individuais e semidirigidas com três migrantes haitianos que residem no Brasil há mais de um ano. As entrevistas foram analisadas por meio da Análise Interpretativa, proposta por Erickson (1997), e seus dados explorados por meio das contribuições teóricas da Psicanálise.

As seções que constituem esta Dissertação viabilizaram uma ampliação da compreensão sobre o fenômeno migratório. Esta pesquisa propõe uma urgente reflexão no que diz respeito ao resgate do sujeito e às suas condições psíquicas nas discussões a respeito da experiência migratória. Nesse sentido, a Psicanálise prestou-se como fundamental ferramenta que reconhece a singularidade e a complexidade dos fenômenos humanos, permitindo interrogar e problematizar os aspectos envolvidos na história daqueles que deixaram muito para trás a fim de encontrar melhores condições de vida. Assim, por meio da escuta ofertada nesta pesquisa aos migrantes haitianos, constituiu-se um espaço de reconhecimento às singulares conflitivas do sujeito decorrentes do movimento migratório cuja complexidade não deve ser desconsiderada em estudos que pretendam efetivamente lançar luz sobre este fenômeno.

Referências

Cogo, D. (2014). Haitianos no Brasil – comunicação e interação entre redes migratórias transnacionais. *Tema central*, 125, 23-32.

- Cogo, D., & Silva, T. (2016). Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista FAMECOS*, 23(1), 1-18.
- Costa, M. M. M., & Reusch, P. T. (2016). Migrações internacionais (Soberania, Direitos Humanos e Cidadania). *Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 8(2), 275-292.
- Da Silva, L. M. M., & Lima, S. S. (2016). Imigração Haitiana no Brasil: os Motivos da Onda Migratória, as Propostas para a Inclusão dos Imigrantes e a sua Proteção à Dignidade Humana. *Direito, Estado e Sociedade*, 48, 167-195.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Fernandes, D., & Castro, M. C. (2014). *Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral* (Projeto de Pesquisa). PUC Minas, Belo Horizonte.
- Marinucci, R., & Milesi, R. (2011). Migrações Internacionais Contemporâneas. Disponível em: <http://www.ufjf.br/pur/files/2011/04/MIGRA%C3%87%C3%83O-NO-MUNDO.pdf>> Acesso em: 06.11.2017
- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: Causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
- Pacífico, A. P., & Pinheiro, T. K. F. (2013). O Status do Imigrante Haitiano no Brasil após o Terremoto de 2010 sob a Perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento – Um Enfoque Multidimensional*, 1(1), 107-126.
- Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos. In: A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.). *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Santos, S., & Cecchetti, E. (2016). Imigrantes haitianos no Brasil: entre processos de (des)(re)territorialização e exclusão social. *Revista de estudios brasileños*, 3(4), 61-72.
- Silva, P. (2015). *Imigração haitiana em Curitiba: xenofobia e o “sonho curitibano”* (Resumo nos Anais do Evento de Iniciação Científica). Centro Universitário Autônomo do Brasil, Curitiba.
- Silva, J., & Alves, L. (2017). Categorização, exclusão e criminalização das migrações internacionais. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, 5(1), 111-126.

SESSÃO TEÓRICO-CLÍNICA

Singulares deslocamentos na experiência psíquica de migrar

Introdução

Os movimentos migratórios compõem um fenômeno na história dos povos; porém, nos tempos atuais, esses acontecimentos adquirem novos contornos e abarcam novas problemáticas. O deslocamento relativo à condição de imigrante é definido a partir de sua especificidade e convoca a demarcação de diferenças a respeito da condição de refugiados. Atualmente, destaca-se o aumento do fluxo migratório global, evidenciando uma forma de manifestação de sujeitos submetidos a riscos e a condições de vulnerabilidade, apresentando uma precariedade de abrigo, de renda, de alimentação, de educação e de cuidados de saúde (García-Ramírez, Balcázar & De Freitas, 2014). A gravidade de tal situação é denunciada por meio da estimativa de que, no mundo, há 24 refugiados por minuto, o maior número de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial¹. Frente a essa situação em que se constata o comprometimento de milhares de vidas humanas, assevera-se a urgência de reflexões e ações acerca desta temática, assim como dos limites tênues entre a definição de refugiado e de migrante.

A Organização Internacional para Migrações define *migração* como o “processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas” (2009, p. 40). Considera-se, porém, que migrar não diz respeito apenas a atravessar as fronteiras demarcadas geograficamente, na medida em que o percurso migratório impõe a experiência de conviver com diferentes culturas e com novas formas de estar no mundo (Becker & Borges, 2015). Tratam-se de deslocamentos que nem sempre são legais, pois muitas vezes advêm da miséria do país de origem, tornando-se a alternativa encontrada para sobrevivência do sujeito (Daure, Reyverand-Coulon & Forzan, 2014).

¹ Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/deslocamento-forcado-atinge-recorde-global-e-afeta-uma-em-cada-113-pessoas-no-mundo/> Acesso em: 04/12/2017

Cabem ressaltar as peculiaridades existentes nas diversas razões que estão por trás dos movimentos migratórios, gerando diferentes categorias relacionadas aos motivos dos mesmos. No Glossário sobre Migração, da Organização Internacional para as Migrações (OIM), podem ser encontradas a definição de “*migrante*”, que corresponde a uma livre escolha e, também, a definição de “*refugiado*”, associada à “ameaça” ou à “perseguição”. Nessa perspectiva, para a concepção de *migrante*, considera-se que:

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceita de migrante. O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se às pessoas e aos membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades de vida suas e das suas famílias. (OIM, 2009, p.43)

No intuito de demarcar especificidades no campo de definição dos termos, por *refugiado* entende-se que essa condição se refere à pessoa que:

“Receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a protecção daquele país” (Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, art.º 1.º - A, n.º 2, de 1951, com as alterações introduzidas pelo Protocolo de 1967). (OIM, 2009, p.62)

Percebe-se que, mesmo frente à tentativa de distinguir os termos migrante e refugiado, a complexidade pertinente a essa questão não é superada. A diversidade das razões promotoras de ambos os deslocamentos se faz evidente. Mais especificamente, neste artigo, trata-se de explorar no fenómeno migratório aspectos relativos ao sujeito psíquico, os quais

tornam evidente a singularidade das ações humanas, estejam elas sob a denominação de 'refugiado' ou de 'migrante'. A presença do humano e de sua complexidade desfaz a possibilidade de uma leitura linear, explicativa e sustentada na limitação de um raciocínio de causa e efeito.

Nesta direção, ao ocupar-se dos aspectos subjetivos envolvidos no fenômeno migratório, Costa (2013) pontua três motivos para um sujeito deixar sua terra de origem e deslocar-se para outro lugar. O primeiro motivo, segundo a autora, está relacionado com o desejo e o ideal do sujeito, que exigem um movimento para sua realização. O segundo motivo de deslocamento associa-se à impossibilidade do aparelho psíquico de processar uma perda, de modo que o sujeito parece buscar no ato de migrar o alívio da dor psíquica (Costa, 2013). Identifica-se que, nesta segunda motivação, o movimento migratório advém da dor psíquica relativa a uma separação anterior à própria migração, passando a ser o fomento para que essa ocorra. Por fim, o terceiro motivo, de acordo com Costa (2013), advém de uma violência que impossibilita o sujeito de permanecer no seu território, por questões de sobrevivência.

Observa-se, tanto nas definições propostas pela OIM como na literatura a respeito dos deslocamentos humanos, tentativas de demarcar especificidades nas motivações que fomentam esses movimentos. Nesse sentido, cabe enfatizar, ainda, que em cada razão de deslocamento encontra-se a singularidade da história de vida do sujeito que migra. À diversidade de motivos por trás desses deslocamentos soma-se, impreterivelmente, a complexidade de uma ação no direcionamento a novos rumos de vida, de tal forma que, muitas vezes, mesmo podendo estar contemplado na concepção de migrante, o risco à vida acaba por constituir-se numa espécie de fator que força a tomada de decisão por migrar. Conclui-se que, se por um lado a clareza terminológica é buscada, por outro as condições singulares que fomentam os deslocamentos, por vezes, impedem a tal demarcação a condição de nitidez.

O fenômeno dos deslocamentos humanos também marca presença na realidade brasileira. Reconhecidamente, não se trata do primeiro período em que o Brasil ocupa uma posição relevante no contexto migratório (Nunes & Oliveira, 2015). O histórico migratório no Brasil teve seu início com o tráfico negreiro operado na colonização portuguesa e, em seguida, com a vinda de imigrantes de outros países, além de Portugal (Becker & Borges, 2015).

Na contemporaneidade, o território brasileiro voltou a ocupar lugar de destaque no campo das migrações internacionais. Após o grave terremoto ocorrido no Haiti em 2010, um expressivo número de migrantes haitianos passou a buscar o Brasil como uma terra onde possam encontrar novas possibilidades de vida. Ainda que a migração seja considerada um movimento coletivo, pretende-se, neste artigo, dar destaque à singularidade do sujeito migrante, por meio de suas narrativas sobre essa experiência, na medida em que, conforme afirma Kehl (2007), o narrador porta um saber coletivo sobre um dado fenômeno. A função da narrativa, portanto, é transmitir uma experiência coletiva contemplando os efeitos singulares no sujeito narrador (Kehl, 2007).

Assim, a partir de uma apresentação sobre elementos históricos, políticos e econômicos do Haiti, sobre a especificidade do processo de migração haitiana, e de narrativas de um migrante haitiano integrante de uma pesquisa sobre esta temática, procura-se retratar o experienciado no processo de migração para o Brasil. Este artigo objetiva explorar, por meio de vinhetas narrativas do participante, fatores subjetivos envolvidos na migração, os quais permitem desvelar um campo psíquico marcado por complexidades. A ilustração a partir das narrativas decorre de uma investigação qualitativa realizada com 10 imigrantes haitianos, desenvolvida em uma universidade do sul do país. Essa pesquisa explorou complexidades e demandas do fenômeno migratório e teve todos seus trâmites éticos respaldados e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de ensino superior.

O migrante haitiano: reflexões acerca de singulares experiências de deslocamento

Encontram-se na história do Haiti importantes consequências decorrentes de frequentes situações relativas a explorações de terra, violação dos direitos humanos pela exportação da madeira, vivência de anos de ditadura e catástrofes naturais, sendo considerado o país mais pobre das Américas (Silva, 2015). A recente crise generalizada que se instalou em um dos países mais instável econômica e politicamente não pode ser compreendida desconsiderando-se sua história. Conforme Moraes, Andrade e Mattos (2013), a história do Haiti é caracterizada pela violência, desigualdade social e corrupção desde sua independência, em 1804, a partir da qual se tornou a primeira república negra do mundo, após 12 anos de conflitos contra o domínio francês.

A Revolução Haitiana provocou um movimento e um estranhamento sobre as formas de se pensar a raça, o colonialismo e a escravidão no século XIX (De Souza Junior, 2016). Por esse motivo, o reconhecimento da independência do Haiti por parte de alguns países presentes no Caribe implicou um processo penoso e lento, trazendo dificuldades e bloqueios econômicos ao país. A queda do Jean Pierre Boyer em 1843, após 25 anos na presidência haitiana, apontou para “o encerramento de uma era na qual o país desempenhou em suas relações internacionais um papel ativo e simbólico na liberação do negro” (De Souza Junior, 2016, p.54). A partir do fim da era Boyer, conforme De Souza Junior (2016), o Haiti passou a segunda metade do século XIX e o início do século XX na defensiva contra os desígnios das grandes potências.

Entre 1915 e 1934, as tropas dos Estados Unidos da América (EUA) ocuparam o país, alegando a garantia de seus interesses durante a Primeira Guerra Mundial (Moraes et al., 2013). Posteriormente, no cenário da Guerra Fria, os EUA continuaram influenciando a política haitiana por meio do apoio à ditadura da família Duvalier. Apesar da forte repressão em 1986, o ditador deixou o Haiti devido aos protestos populares contra seu regime. Em

1990, Jean-Bertrand Aristide foi eleito como mandatário do país, mas um ano depois, foi retirado do Haiti, em razão de um golpe de estado. De acordo com Moraes et al. (2013), Aristide retornou ao poder em 1994 e, em 2000, foi eleito presidente novamente, mas devido a suspeitas de fraudes, a oposição se recusou a aceitar tal resultado, passando a protestar violentamente em importantes regiões do país. A fim de conter a crise de violência em 2004, Aristide foi obrigado a renunciar, sendo retirado do país à força por militares dos EUA com apoio dos franceses, os quais estavam incomodados com a imigração generalizada de haitianos fugidos da guerra civil (Moraes et al., 2013). Após a retirada de Aristide, o presidente do Supremo Tribunal haitiano, Bonifácio Alexandre, assumiu o poder e solicitou ajuda à ONU para contenção da crise. Atendendo ao pedido do presidente, ainda em 2004, foi criada a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti – MINUSTAH, a partir da qual foi estabelecido o vínculo entre Brasil e Haiti (Moraes et al., 2013). Agravando ainda mais o cenário instável haitiano, em 2010, o país sofreu um grande terremoto, cuja extensão trouxe consequências que resultaram em 230 mil mortos e 1,5 milhões de desabrigados, além dos relevantes danos materiais e patrimoniais.

Na atualidade, o Haiti apresenta um sistema político desorganizado, a economia destruída e a população desnutrida, levando milhares de haitianos a deixarem o país e migrarem para o Canadá, os EUA, a França, as Antilhas Francesas, a República Dominicana e o Brasil (Moraes et al., 2013). No período de 2010 a 2013, cerca de nove mil haitianos entraram no Brasil com a finalidade de reconstruir suas vidas, visto que o terremoto incrementou a pobreza e a baixa qualidade de vida presentes no Haiti (Pacífico & Pinheiro, 2013).

Em razão do vínculo existente entre as nações haitiana e brasileira por meio da MINUSTAH, a vinda dos migrantes haitianos para o Brasil foi facilitada. No entanto, destaca-se o fato de o Brasil não receber os haitianos na condição de “refugiados”, na medida

em que a Lei brasileira 9474/97 e a Convenção de Genebra não consideram os desastres naturais e os problemas econômicos e sociais como causa de refúgio, uma vez que esses fenômenos não são abarcados nas categorias de perseguição, guerras ou ameaças de vida.

De tal forma, o Conselho Nacional de Imigração optou por conceder aos migrantes haitianos um visto humanitário, expedido em número limitado, com fins de autorizar condições de trabalho e de estudo no Brasil (Moraes et al., 2013; Coentro, 2011). Em 2013, depois de sofrer críticas e ações jurídicas a respeito da forma de acolhida dos migrantes, o Brasil revogou a Resolução Normativa 97/2012, passando, então, a não haver mais limites para a emissão desses vistos (Moraes et al., 2013). A partir dessa condição, constata-se o aumento do fluxo migratório de haitianos para o país, colocando em cena também as diferentes formas de recepção dos mesmos, as quais contemplam desde um acolhimento mais genuíno até atitudes racistas e xenófobas. Percebe-se, portanto, que a expressiva vinda de haitianos para o Brasil está dada, não havendo dúvidas de que este fenômeno suscita amplas, necessárias e complexas reflexões.

As vicissitudes relativas à migração haitiana têm perpassado discussões e estão cada vez mais presentes em pesquisas que se desenvolvem no Brasil (Cogo, 2014; Cogo & Silva, 2016; Costa & Reusch, 2016; Moraes et al., 2013; Pacífico & Pinheiro, 2013; Rosa, 2015; Silva, 2015; Da Silva & Lima, 2016). As pesquisas acerca desse fenômeno questionam a política migratória brasileira, na medida em que os migrantes haitianos não são bem-vindos em alguns Estados e, portanto, encontram diversos impedimentos e dificuldades no acolhimento no Brasil (Cogo & Silva, 2016; Rosa, 2015). Além disso, os estudos expressam a necessidade de ampliar o regime de refúgio e garantir a dignidade dos migrantes haitianos por meio de programas de proteção e ações voltadas para os processos de cidadania de haitianos no Brasil (Pacífico & Pinheiro, 2013; Da Silva & Lima, 2016).

Conforme afirma Gondar (2012), a grande dificuldade política contemporânea refere-se ao fato de que alguns sujeitos têm sua vulnerabilidade protegida e outros não. Logo, a questão não se restringe apenas ao fato de o imigrante ter um visto concedido, o qual viabiliza sua entrada em um país estrangeiro. Trata-se muito mais de ampliar a reflexão sobre os deslocamentos humanos a fim de contemplar o reconhecimento da condição de vulnerabilidade do sujeito e de efetivas possibilidades de construção de relações alteritárias. É evidente que a inserção do sujeito migrante em uma nova modalidade de laço social não se estabelece sem conflitos e impasses. Rosa (2015) vai ao encontro dessa proposição ao afirmar que:

A dificuldade política do governo brasileiro em pensar uma política migratória de qualidade revela que esse debate, se tratado com a relevância que o tema merece, pode revelar matizes de uma sociedade xenófoba, reprodutora de desigualdades e cultivadora da crença de que as nacionalidades possuem pesos diferentes e devem ser tratadas de maneira desigual, inclusive com desrespeito aos direitos dispostos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual o Brasil é signatário desde 1948. (p.62)

O estabelecimento de laços sociais mostra-se indispensável ao processo de constituição de um sujeito, uma vez que inauguram e possibilitam sua entrada na cultura, bem como dão os fundamentos para sua identidade. Ao enunciar um território de pertencimento, os laços sociais passam a ser elementos indispensáveis na vida de um sujeito. Assim, defrontar-se com diferenças culturais e com um universo político, econômico e social desconhecido pode gerar sofrimento. As condições de enfrentamento de tais adversidades referem-se tanto à extensão dos impasses encontrados no acolhimento ofertado, como também aos recursos psíquicos do próprio sujeito migrante. É fato que um processo de desenraizamento provoca rupturas na identidade, de modo que o migrante, na medida em que muda de contexto social,

poderá ter a forma de se perceber e ser percebido também transformada (Mallard, Cremasco & Metraux, 2015).

Dessa forma, a experiência migratória pode exigir grandes esforços por parte do migrante, tanto no sentido do estabelecimento de novos laços sociais como para ter sua subjetividade reconhecida. Para além da atribuição de um documento identitário ou de um visto humanitário, é necessário efetuar uma reflexão sobre a condição subjetiva do migrante, reconhecendo-o nas suas especificidades e diferenças. Conforme aponta Gondar (2012), “reconhecer a precariedade de alguém não é reconhecer a sua identidade, mas proteger a sua possibilidade de tornar-se algo que ainda não sabemos, e que nem ele mesmo sabe” (p. 207). Percebe-se, portanto, a importância de reconhecer a necessidade de um acolhimento e de considerar os aspectos psíquicos como condição para fomentar um devir e uma perspectiva de transformação, que teve seu início na decisão pelo deslocamento do sujeito para outro território. Torna-se necessário identificar as perdas intrínsecas a um processo de desenraizamento na medida em que o sujeito deixa um país de origem e busca outra cultura para viver, bem como reconhecer a diversidade de motivos que estão contemplados nesse movimento e que terão inegáveis efeitos no tempo a ser vivido na condição de migrante.

Assim, a migração exigirá do sujeito não apenas um trabalho corporal de movimento migratório, mas também o confrontará com suas próprias condições e recursos de elaboração de perdas e de atribuição de valor às novas experiências. Nesse sentido, ao sujeito é imposta a necessidade de administrar suas (im)possibilidades de (des)investimentos a partir dessa importante mudança em sua vida. Ao migrante cabe o desafio de dar sentido à sua experiência com vistas à elaboração, sob pena de ocorrer produção de intenso sofrimento diante de situações frente às quais não encontre recursos de compreensão e/ou enfrentamento. O processo migratório poderá “desencadear um estado de vulnerabilidade psíquica no migrante, cujos efeitos podem ser sentidos a partir do modo como este percebe e lida com a realidade,

tendo em vista o rompimento dos laços afetivos e as referências socioculturais de origem” (Becker & Borges, 2015, p. 164). Nesse sentido, os elementos psíquicos marcam presença, visto que se apresentam ao sujeito tanto no que diz respeito ao que deixou para trás, como também na percepção e na condição de investimento no novo lugar que o acolhe.

Considerando-se, portanto, a complexidade envolvida nas migrações, a Psicanálise apresenta-se como uma ferramenta imprescindível para a investigação e a compreensão das facetas que compõem esse fenômeno humano. Ao considerar “os efeitos da história do sujeito em sua realidade psíquica” (Dockhorn, 2015, p.70), a Psicanálise tem muito a contribuir no estudo aprofundado sobre o processo psíquico a ser demandado ao sujeito frente a uma experiência migratória. Os aportes psicanalíticos dão condições para que se efetive uma reflexão a respeito do *sujeito* migrante, evidenciando a demanda de trabalho psíquico que lhe é imposta e permitindo, também, evidenciar o aspecto de vulnerabilidade que se faz presente como sinalizador de maior risco de padecimento ao psiquismo. Para além das discussões políticas e jurídicas, é também fundamental considerar que o fenômeno migratório envolve aspectos subjetivos, os quais interferem diretamente na vida de um sujeito que deixa muito para trás e que precisa criar novas possibilidades de inserção. Nesse sentido, a tênue fronteira entre a definição de refugiado e migrante evidencia o fato de que as experiências ocorridas nos deslocamentos humanos colocam o sujeito psíquico frente a condições que, por vezes, podem incrementar o padecimento inerente ao desafio de buscar um novo devir.

Desinvestir e investir: impasses ao sujeito migrante

A constituição do sujeito psíquico se dá a partir do encontro com um outro, que o investe amorosamente, no momento em que o toma como objeto a ser cuidado. O desamparo inerente à condição humana pressupõe a necessária ajuda externa daquele que cuida, denominada por Freud (1885/2006) como “*fremde Hilfe*” - ajuda estrangeira. Não se trata

apenas de atentar às necessidades relativas à sobrevivência biológica, mas fundamentalmente da inauguração de condições que darão origem a complexos recursos psíquicos e que passam, inevitavelmente, pelo reconhecimento da função do outro nesse exercício primordial de cuidado.

A Psicanálise desenvolveu importante teorização sobre o processo de construção da noção de si mesmo (Freud, 1905/2006). Na medida em que a criança pode encontrar no outro primordial as condições que permitem a criação de seus próprios recursos psíquicos, a identidade passa a ser o legado das experiências nesse campo intersubjetivo. O processo de construção da identidade pressupõe uma experiência alteritária inicial, cuja qualidade permite, *a posteriori*, a constituição do si mesmo. O legado identitário, conforme afirma Bleichmar (2009), corresponde a uma estrutura composta por invariantes que se repetem e cuja estabilidade interfere nas modalidades de funcionamento psíquico. Trata-se, portanto, de um conceito que, em Psicanálise, alude à permanência, continuidade e estrutura, de maneira que modificações nas referências identificatórias são sentidas com estranheza pelo sujeito (Rother Hornstein, 2006).

Além da imprescindível presença do outro primordial no processo de constituição identitária, também os laços sociais respaldam posteriormente a condição de pertencimento a uma cultura. Constatase, assim, que a noção de alteridade ocupa sempre lugar central no que tange à manutenção e à consolidação da identidade do sujeito, bem como em suas possibilidades de investimento. Se, por um lado, o processo de constituição identitária implicou um permanente trabalho psíquico de apropriação do que foi enunciado pelo outro, por outro lado, os laços sociais confrontam o sujeito com sua capacidade de administrar demandas de desinvestimento e investimento ao longo da vida. Nesse sentido, pode-se aludir aos processos vitais de perda e de transformações que serão demandados ao sujeito, independentemente de maiores adversidades. A capacidade elaborativa frente a perdas,

decepções e frustrações terá importante repercussão nas próprias representações identitárias de um sujeito. Nesse sentido, faz-se importante refletir acerca do que ocorre quando, na condição de estrangeiridade devido à migração, elementos relativos à identidade são colocados em xeque.

Existem inegáveis diferenças entre processos psíquicos nos quais, frente à vivência de perda, o sujeito passa a empreender um trabalho necessário de luto que viabiliza uma posterior elaboração daquele processo no qual predomina a impossibilidade de elaborar o perdido, denominado melancolia. Neste segundo caso, o sujeito corre sério risco de ficar à mercê de contar com poucas condições para investimentos de vida.

A temática da perda foi abordada magistralmente por Freud (1917[1915]/2006) em seu texto *Luto e Melancolia*. No cenário marcado pela eclosão da Primeira Grande Guerra, o tema do enfrentamento com a morte, com constantes perdas e seus dramáticos efeitos no psiquismo, convocaram a Psicanálise à reflexão. Freud (1917[1915]/2006) afirma que o luto comporta uma dor psíquica, que se manifesta por meio da falta de interesse pelo mundo externo e da incapacidade de escolher novos objetos de amor. Assim, observa-se, em um primeiro momento, a escassez de destinos da libido, de forma que o sujeito parece encontrar-se aprisionado ao objeto perdido. Por luto, compreende-se o predomínio de um estado afetivo diante de uma perda, não apenas da morte, que implica um trabalho psíquico e decorrentes modificações subjetivas. Na medida em que a perda provoca efeitos no registro identitário do sujeito (Hornstein, 2008), o mesmo é exigido a efetivar um trabalho psíquico de elaboração.

Nem sempre, porém, o sujeito irá dispor de recursos psíquicos suficientes para efetuar um trabalho de luto. Freud (1917[1915]/2006) explora a complexidade dos efeitos da perda e da experiência de ruptura nos investimentos psíquicos. São evidentes, para o autor, as diferenças entre o trabalho de luto e o quadro melancólico. Na condição melancólica, se apresenta uma impossibilidade de elaboração diante da perda do objeto. O autor aponta que,

ambas as condições, luto e melancolia, apresentam as mesmas características, com exceção à perturbação de autoestima devido ao empobrecimento do Eu presente e típico da melancolia.

Nessa direção, as diferenças fundamentais, considerando-se a capacidade de enfrentamentos de perdas e a administração de seus efeitos no psiquismo, não podem ser abordadas sem a devida consideração da história de constituição do sujeito. Na situação relativa ao quadro melancólico, o tema da autoestima, a saber, os recursos amorosos de investimento no Eu mostram-se fragilizados, resultando em importante prejuízo quanto à atribuição de valor próprio. Assim, frente à impossibilidade de um trabalho elaborativo de perdas, característico da condição de luto, manifesta-se um comprometimento no que diz respeito aos investimentos psíquicos no campo alteritário. O trabalho de luto implica a condição do sujeito recolher, temporariamente, sobre si mesmo, os investimentos antes destinados ao mundo exterior (projetos, relações, trabalho, lazer, dentre outras atividades). Após esse necessário tempo de desinvestimento como decorrência do trabalho elaborativo ocorrido em relação à perda ocorrida, posteriormente, o sujeito volta a ter a disponibilidade de (re) investir no mundo exterior.

A experiência migratória é, inevitavelmente, uma demanda de importantes desinvestimentos e reinvestimentos por parte do sujeito psíquico. Considerando-se perdas, rupturas e abandonos, e também as expectativas e projetos frente ao novo que integram essa situação, as contribuições freudianas a respeito dos fenômenos de luto e melancolia permitem pôr em evidência a complexidade humana que neles residem. Koltai (2007) afirma que a migração não se refere apenas a uma mera passagem de um país para outro, mas a uma experiência radical e dolorosa. Segundo a autora, a chegada em um novo destino convoca o sujeito a recolocar a questão sobre quem se é e o que foi deixado para trás (Koltai, 2000, p. 101). O movimento migratório implica, assim, a saída de um lugar no qual os códigos sociais e linguísticos eram acessíveis e a chegada em um mundo onde tudo é desconhecido (Daure et

al., 2014). Nessa alternância entre necessários desinvestimentos que lhe possibilitam sair, e reinvestimentos que viabilizam a inserção no novo contexto, são colocadas em xeque as condições psíquicas que lhe permitem, no presente, construir um futuro.

Dessa forma, para tornar possível o (re)investimento no devir, seguindo a construção de sua vida, o sujeito migrante é confrontado com sua história de até então. O ato de migrar pode levar ao incremento de condições próprias a uma experiência de desamparo, e constituir, na experiência migratória, um cenário de excessos, uma vez que o sujeito não tenha como reconhecer como familiar o novo contexto. Mallard et al. (2015) assinalam o risco que se faz presente nessa vivência de desamparo. Nessa direção, conforme Borges e Pocreau (2009), o movimento de identificação é colocado em questão, visto que tudo está por ser reconstruído. A constatação de que novos encontros exigem uma reorganização no campo dos investimentos psíquicos, impondo a escolha por novos objetos e o luto por outros, conforme assinala Hornstein (2009), também pode ser aproximada ao contexto da migração.

Destaca-se que a experiência migratória, ao passo que reproduz uma situação de desamparo já experimentada pelo sujeito, faz com que dois novos elementos precisem ser considerados. O primeiro deles diz respeito ao fato de que, frente à migração, será demandado ao sujeito um trabalho psíquico de reordenamento de seu patrimônio afetivo. O segundo elemento remete, assim como descreve Freud (1885/2006), à implicação da *qualidade* da "ajuda estrangeira" que lhe é ofertada. Este artigo busca, portanto, explorar esses dois elementos - o trabalho relativo a aspectos subjetivos, pondo em destaque a escuta ao migrante por meio da narrativa de um haitiano sobre seu singular desafio de *ser sujeito* em espaços alteritários. Trata-se de evidenciar o risco de incremento à vulnerabilidade quando não se considera os aspectos subjetivos e demandantes de atenção a quem estuda e intervém junto à essa população. Além disso, ilustra-se a forma como o espaço de escuta gerado na prática da pesquisa pode ser relevante na atenção à dor psíquica.

Fernand - a narrativa de um sujeito migrante

Acreditar na heterogeneidade de fatores relativos ao fenômeno da migração sustenta a relevância de promover a narrativa do sujeito migrante sobre sua experiência. Opta-se, portanto, por apresentar as narrativas de Fernand², jovem haitiano, a respeito de sua experiência migratória. Não se tem a pretensão de tomar tal ilustração como uma categoria analítica em relação ao fenômeno, mas sim evidenciar o quanto o espaço de palavra ofertado ao sujeito reafirma a importância de contemplar a singularidade do vivido, no intuito de abarcar complexidades presentes nos fenômenos humanos.

Busca-se problematizar e evidenciar o quanto, no afã de instrumentalizar o migrante com alguns recursos que facilitem a inserção na nova cultura, corre-se o risco de deixar à margem aspectos que tornam singular essa experiência. Assim, a narrativa de Fernand permite lançar luz aos elementos subjetivos que implicam o acolhimento da narrativa do sujeito sobre sua história, além de dar condições para que se identifique a impossibilidade de atender, mediante um "protocolo" de acolhida, à complexidade da subjetividade. A narrativa do jovem haitiano desvela o importante prejuízo quando não é possível, frente às exigências do luto, destinar um tempo para a elaboração. Assim, na busca pela urgência da sobrevivência, um necessário processo elaborativo acaba, por vezes, suplantado por demandas financeiras, de trabalho, de aquisição de novo idioma e de moradia.

Fernand, 25 anos, migrou para o Brasil em função de importante necessidade familiar. A partir das muitas dificuldades financeiras enfrentadas por sua família, seu pai havia migrado para os Estados Unidos da América (EUA) na tentativa de obter trabalho e, assim, ajudar no sustento da mesma. A migração paterna provocou significativa crise familiar, uma vez que o pai se envolveu com outra mulher no novo país e decidiu não efetuar mais as contribuições financeiras à família. Somou-se ainda à situação já difícil a doença cardíaca da

² Pseudônimo utilizado com fins de preservar a identidade do participante da pesquisa.

mãe, que a incapacitou de trabalhar. Foram as condições já precárias de sobrevivência familiar, incrementadas pelas novas dificuldades, que resultaram em um pedido materno endereçado a Fernand para que este deixasse o Haiti e fosse em busca de uma vida melhor. Dessa forma, a migração de Fernand motivou-se a partir da grave situação familiar e da expectativa materna de que ele pudesse viabilizar um futuro diferente a todos. Apareceu em sua narrativa a compreensão sobre sua condição de migração para o Brasil:

“A minha mãe me mandou pra cá. Pra conseguir ajudar ela e meus dois irmãos, pra eu conseguir ajudar eles.”

Durante a entrevista, Fernand oscilava entre a compreensão de que o pedido da mãe para que ele migrasse estivesse relacionado a uma autorização de empreender esforços que incluíam seu próprio bem-estar e a constatação de que o desenrolar dos fatos levaram-no a uma exigência de enviar seus ganhos para garantir o futuro da mãe e dos irmãos. Antes de sua chegada como migrante ao Brasil, Fernand migrou para o Equador, onde viveu por quase um ano, trabalhando na construção civil. Após esse período, devido à sua insatisfação com a situação no Equador e a relatos de outros migrantes haitianos sobre maior oportunidade de trabalho em solo brasileiro, o jovem decidiu migrar para o Brasil.

Pode-se considerar que esses singulares dois tempos no processo migratório de Fernand desvelam, inicialmente, um movimento de obediência ao apelo materno e, posteriormente, a tentativa de efetivar uma escolha própria. Porém, a fala de Fernand (*“a minha mãe me mandou para cá”*) durante a entrevista anula a diferença entre os tempos, denunciando o quanto ainda prevalece em sua narrativa uma condição de quem obedece a uma ordem. Nessa direção, a impossibilidade de nomear um desejo próprio relativo à migração mostra-se na singularidade da história de Fernand como mais um obstáculo a ser ultrapassado.

No ano de 2015, Fernand chegou ao Rio Grande do Sul. Morou por um ano e meio em uma cidade do interior do estado e, depois, veio para Capital. Em ambas as cidades, Fernand trabalhou em supermercados, exercendo atividades de descarga de mercadorias e de controle no abastecimento de produtos nas prateleiras. Na ocasião da entrevista, o jovem estava trabalhando há três meses em um supermercado, mostrando-se bastante queixoso e insatisfeito com a vida que levava. Narrou muitas queixas em relação aos relacionamentos pessoais, às experiências que identificava como preconceituosas em relação à sua condição de migrante e de negro, à impossibilidade de preencher determinados requisitos para a obtenção de habitação, e também à modalidade de trabalho que exercia, considerada por ele como aquém de suas possibilidades. Porém, na medida em que discorria sobre sua experiência migratória, evidenciava-se forte desagrado com o destino que precisava dar a seu salário, considerando a solicitação materna.

“Só to vivendo pra ajudar minha família, pra mim não. Não to vivendo pra mim, só pra minha família. Daí eu quero começar a viver minha vida, porque eu to trabalhando aqui só pra ajudar minha família, só pra minha família. Cada mês eu recebo eu tenho que mandar dinheiro lá direto pro Haiti. O dinheiro não vai ficar pra mim. O que que vai ficar pra mim, só o dinheiro do aluguel e comida. Só isso.”

Na experiência singular de Fernand, a condição migratória está atravessada por uma incapacidade de manter uma "reserva" de investimento do que recebe para seus projetos. Mostra-se, portanto, extremamente frustrado, uma vez que os ganhos obtidos em seu trabalho estão *a priori* comprometidos. Comprometimento esse evidente nas falas *“a minha mãe me mandou para cá”* e *“cada vez eu recebo eu tenho que mandar dinheiro lá direto pro Haiti”*. Na condição de passividade em relação ao que é delegado por outro, fica-lhe impossibilitado exercer a atividade de um trabalho elaborativo, que implica autonomia para desinvestir e reinvestir. Constata-se, assim, a sensação de desesperança, na medida em que não se vê com

condições de investir em algo para si, associando a falta de dinheiro à impossibilidade de viver sua própria vida.

No decorrer da entrevista, surgem elementos que permitem identificar a intensidade da tristeza e da solidão permanentemente presentes no cotidiano de Fernand:

“Eu to sozinho aqui no Brasil. To sozinho, sozinho. (...). Daí ficou um pouco difícil pra mim e fiquei muito triste. Todo dia triste. Muito triste.”

A tristeza aparece no relato do jovem muito associada àquilo que os "brasileiros" não lhe proporcionam: um emprego melhor, o reconhecimento de suas competências, relações de confiança, dentre outras queixas. Na medida em que se acolhe a narrativa sobre sua história de vida e o que experiencia ao migrar, pode-se enxergar o sujeito Fernand, não apenas um migrante haitiano. Na tristeza que compromete sua autoestima se faz ainda mais difícil administrar os impasses de sua migração. Tais sentimentos não são demonstrados à família, e a própria ambivalência em enviar todo seu ganho para sustento da mãe e dos irmãos é disfarçada por meio de justificativas tais como:

“Eu tenho que ajudar. Porque eles vão ficar mal, vão passar fome, então eu tenho que ajudar. Pra mim a vida deles lá no Haiti é mais importante que minha vida, porque eu tava no Haiti e vi como que é a situação, eu vi como que é, por isso a vida deles é mais importante que a minha vida. Porque eu to vivendo agora, agora eu to vivendo por eles, porque o meu pai não tá ajudando mais”.

É a escuta do sujeito que permite identificar suas necessidades e suas conflitivas. No reconhecimento da precariedade real e evidente de sobrevivência de sua família no Haiti, torna-se ainda mais custoso para Fernand constatar que também sua sobrevivência está em questão. Investir em projetos próprios, ou seja, reconhecer-se como sujeito independente da demanda do outro, deixa-o culpado e preso à ambivalência decorrente da contradição entre “ter que obedecer” e “dizer não”. A conflitiva de Fernand, a partir da singularidade de sua

história, assinala um importante trabalho psíquico a ser empreendido a fim de constatar que não é ceder tudo que ganha a única possibilidade de ajudar o outro. Para constituir condições que lhe permitam transformar a submissão em uma experiência de generosidade, mediante a qual repartir já não é mais dar tudo que tem, é necessário ofertar a Fernand um espaço de atenção e cuidado a seus aspectos subjetivos.

Diferente de se submeter a uma vida na qual trabalha para enviar todos seus ganhos para outros, Fernand precisará empreender um trabalho de investimentos sobre si mesmo, a fim de recuperar a condição de equilíbrio entre o que dá e o que recebe. O risco do fracasso dessa possibilidade poderá incrementar novas modalidades de submissão. A fala de Fernand sobre a vida no Brasil alerta para esse risco:

“Muito, muito difícil. Mas também lá no Haiti é pior, daí... A gente dá um jeito pra aguentar, porque no Haiti é pior. Aí, é isso”.

Quando estava na cidade do interior do estado, Fernand fez uma tentativa de iniciar um curso de contabilidade, porém precisou interrompê-lo a fim de enviar, também, esse valor à família. Vislumbra-se em sua narrativa a possibilidade de um projeto, de investimento no devir que foi cerceado na imposição que faz a si mesmo como sujeito da servidão ao desejo do outro:

“Eu gosto muito da contabilidade, que eu falei que eu tava fazendo, eu gosto muito, mas não dá porque eu tenho que ajudar minha mãe e por isso que eu parei, daí eu fiquei lá no serviço trabalhando, trabalhando”.

A condição de pertencimento a um lugar novo exige, inevitavelmente, atribuir novos sentidos às fronteiras identitárias em relação ao seu lugar de origem, à família. Nessa singular experiência de migração, há o deslocamento geográfico, o qual não garante as condições necessárias de investimento e construção de um devir. Se por um lado há o deslocamento

físico de Fernand do Haiti ao Brasil, impera, ainda, um aprisionamento psíquico, no qual se vê submetido a cumprir o que toma como ordem do outro.

As tênues diferenças entre as definições de migrante e refugiado se fazem evidentes no caso de Fernand. Como sua decisão de migrar não pode ser tomada como exemplo de exercício de autonomia e liberdade, no qual não teria havido intervenção de fatores externos segundo a definição de migração pela OIM (2009), Fernand põe em xeque o que é efetivamente ser um sujeito migrante. Na medida em que prevalece um aprisionamento psíquico, percebe-se a impossibilidade de pedir e usufruir da proteção de um novo lugar, aproximando-o mais do que se entende por refugiado. Aqui o refúgio a ser buscado parece ser a possibilidade de construir-se como sujeito, autorizar-se a ter um lugar próprio, independentemente do país que habita. Para além de uma definição, as narrativas de Fernand permitem constatar a relevância da subjetividade do migrante, ou seja, os singulares elementos com os quais precisa deparar-se em sua experiência de deslocamento de um país a outro. A história de Fernand demonstra como as questões psíquicas são decisivas na forma de enfrentamento do novo que a migração contempla.

A partir do processo de escuta de Fernand, percebeu-se o intenso sofrimento no qual o jovem se via aprisionado, bem como o custoso trabalho psíquico de tornar-se um "novo e mesmo" sujeito em sua experiência migratória. Cabe ressaltar o valor da escuta em um processo de pesquisa, uma vez que a intensidade do sofrimento do participante não deixou dúvidas sobre a necessidade de que lhe fossem destinados cuidado e atenção. Assim, Fernand foi encaminhado ao Serviço de Psicologia da universidade, na qual a pesquisa foi desenvolvida, a fim de iniciar um processo psicoterapêutico. A entrevista, mesmo em um contexto de pesquisa, possibilitou a Fernand experienciar os efeitos benéficos de um convite a narrar-se como sujeito em primeira pessoa. Assim, acredita-se que o interesse demonstrado e a pronta aceitação frente ao encaminhamento recebido possam contribuir no árduo processo

de atribuir significado às suas vivências e empreender um trabalho psíquico que lhe permita efetivamente migrar para ser.

Considerações Finais

A partir de uma apresentação sobre a temática da migração haitiana e o trabalho com os elementos singulares da experiência migratória de Fernand foi possível ilustrar a complexidade e o desafio envolvidos nos deslocamentos humanos. A entrada de migrantes em outra cultura implica o confronto com o desconhecido, a administração de necessários desinvestimentos relativos ao que se deixa, bem como o trabalho exigido de investimentos em novos projetos e novas relações. Nesse sutil e delicado equilíbrio entre desinvestir e investir, o sofrimento psíquico pode aparecer como força produtora de patologias.

A história de Fernand desvela intenso sofrimento psíquico na experiência migratória não apenas pelas adversidades encontradas no novo país, mas, sobretudo, pela necessidade de enfrentamento com as condições que impulsionaram o deslocamento migratório. Entende-se que a história do participante ilustra a relevância da subjetividade na definição da experiência migratória. O cuidado à identidade do sujeito torna-se fator essencial, ou seja, trata-se de reconhecer a dimensão conflitiva que se apresenta no desafio de ser o mesmo e o novo simultaneamente; tarefa essa que exige a impreterível atenção à subjetividade desses sujeitos. A vulnerabilidade psíquica e o risco de padecimento ficam incrementados, portanto, quando os aspectos subjetivos são deixados à margem de uma reflexão sobre a experiência migratória.

A prática da pesquisa sobre os fenômenos humanos também pode fomentar um contexto de atenção e cuidado àquilo que, por vezes, tende a ser excluído da produção de conhecimento no âmbito científico. Frente à exigência de padronização das formas de coletar dados, pode-se correr o risco de desconsiderar o sujeito presente no fenômeno. Proporcionar que o participante de uma investigação construa uma narrativa sobre sua experiência retira-o

da condição de ser uma mera "fonte" de dados, convidando-o a ser autor de uma narrativa cujo endereçamento ao pesquisador viabiliza o acesso ao âmago de temáticas sobre o humano.

Nesse interjogo entre o elemento singular da narrativa de um sujeito e a possibilidade de fazer com que seus desdobramentos encontrem eco e levem a construção de conhecimento sobre um dado fenômeno, a prática da pesquisa não se distancia da realidade na qual incide sua interrogação. O conhecimento obtido, na medida em que efetivamente dialoga com a realidade pesquisada, reverte-se em um conhecimento que pode modificar e contribuir para com o fenômeno investigado. As proposições da Psicanálise sobre o sujeito psíquico, sua complexidade, seus recursos e sua vulnerabilidade, contribuem de forma qualificada nas leituras e investigações sobre o fenômeno migratório, asseverando a importância de considerar o migrante em sua subjetividade, a qual interfere diretamente na forma como poderá ou não o sujeito dispor de recursos diante dessa radical mudança em sua vida.

Referências

- Becker, A., & Borges, L. (2015). O impacto das redes sociais no processo de migração familiar. *Ayvu Revista de Psicologia*, 2(1), 161-185.
- Bleichmar, S. (2009). *Estallido del yo, desmantelamiento de la subjetividad*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Bordieu, P. (1998). Um analista do inconsciente. In: A. Sayad (Org.). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Borges, L., & Pocreau, J-B. (2009). Reconhecer a diferença: o desafio da Etnopsiquiatria. *Psicologia em Revista*, 15(1), 232-245.
- Coentro, L. U. (2011). *Políticas públicas e gestão das migrações internacionais no Brasil: Uma reflexão sobre os migrantes qualificados* (Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP).

- Cogo, D. (2014). Haitianos no Brasil – comunicação e interação entre redes migratórias transnacionais. *Tema central*, 125, 23-32.
- Cogo, D., & Silva, T. (2016). Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista FAMECOS*, 23(1), 1-18.
- Costa, A. (2013). Trauma e diferentes relações à falta. In M. D. Rosa, T. T. Carignato, & S. L. S. Alencar (Orgs.). *Desejo e Política: Desafios e Perspectivas no Campo da Imigração e Refúgio* (pp. 99-104). São Paulo: Max Limonad.
- Costa, M. M. M., & Reusch, P. T. (2016). Migrações internacionais (Soberania, Direitos Humanos e Cidadania). *Passagens - Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 8(2), 275-292.
- Da Silva, L. M. M., & Lima, S. S. (2016). Imigração Haitiana no Brasil: os Motivos da Onda Migratória, as Propostas para a Inclusão dos Imigrantes e a sua Proteção à Dignidade Humana. *Direito, Estado e Sociedade*, 48, 167-195.
- Daure, I., Reyverand-Coulon, O., & Forzan, S. (2014). Relações Familiares e Migração: Um Modelo Teórico-Clínico em Psicologia. *Psicologia Clínica*, 26(1), 91-108.
- De Souza Junior, N. (2016). *A exceção da exceção: O processo de reconhecimento da independência do Haiti pelos estados unidos* (Monografia). Instituto de Relações Internacionais, UnB, Brasília.
- Dockhorn, C. N. B. F. (2015). Metapsicologia: diretrizes cartográficas à complexidade psíquica. In M. M. K. Macedo (Org.). *Neurose – Leituras Psicanalíticas* (pp. 57-72). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Freud, S. (2006). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1885)

- Freud, S. (2006). Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Luto e Melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])
- García-Ramírez, M., Balcázar, F., & De Freitas, C. (2014). Community psychology contributions to the study of social inequalities, well-being and social justice. *Psychosocial Intervention*, 23, 79-81.
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210.
- Hornstein, L. (2008). *As Depressões: Afetos e Humores do Viver*. São Paulo: Via Lettera Editora.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera Editora.
- Kehl, M. R. (2007). Tempo e Narrativas. In: A. Costa, & D. Rinaldi (Orgs.). *Escrita e Psicanálise* (pp. 255–270). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Koltai, C. (2000). Desamparo e a questão do estrangeiro. *Psychê: Revista de Psicanálise*, 4(6), 95 – 103.
- Koltai, C. (2007). A língua exilada. In: A. Costa, & D. Rinaldi (Orgs.). *Escrita e Psicanálise* (pp. 361–369). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Mallard, S., Cremasco, M., & Metraux, J. C. (2015). Estrangeiridade e vulnerabilidade psíquica: Algumas contribuições psicanalíticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 125-132.

- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: Causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
- Nunes, J. W., & Oliveira, S. D. (2015). Evidências da construção da figura do *imigrante* qualificado no Brasil: uma leitura a partir da Lei nº6.815/80. In: A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.). *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 33-51). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.
- Pacífico, A. P., & Pinheiro, T. K. F. (2013). O Status do Imigrante Haitiano no Brasil após o Terremoto de 2010 sob a Perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento – Um Enfoque Multidimensional*, 1(1), 107-126.
- Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos. In: A. M. N. Vasconcelos, & T. Botega (Orgs.). *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Rother Hornstein, M. C. (2006). *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Silva, P. (2015). Imigração haitiana em Curitiba: xenofobia e o “sonho curitibano”. [Resumo]. *Anais do Evento de Iniciação Científica* (p. 49). Curitiba: Centro Universitário Autônomo do Brasil.

SESSÃO EMPIRICA

Migração Haitiana: o sujeito frente ao (re)encontro com o excesso

Introdução

A complexidade presente no movimento migratório convoca a reflexão a respeito de elementos que denunciam as modalidades de enfrentamento do sujeito em uma condição que vai muito além de um deslocamento corporal. O migrante, ao sair de sua pátria, deixa um lugar no qual os elementos sociais e culturais eram acessíveis e chega em uma terra onde tudo é desconhecido (Daure, Reyverand-Coulon & Forzan, 2014). Logo, a condição de estrangeiridade pode colocar o sujeito diante da consciência de não ter mais garantias a respeito de suas certezas, evidenciando uma experiência de desamparo por meio do encontro com o que não é reconhecido como familiar (Mallard, Cremasco & Metraux, 2015).

De acordo com Hornstein (2009), o encontro com o novo provoca um necessário trabalho psíquico de administração no campo dos investimentos, demandando o enfrentamento da perda de alguns objetos e a vivência de escolha por outros. Nesse sentido, a experiência migratória impõe ao sujeito lidar não apenas com perdas reais e claramente identificadas, mas também com a experiência de deparar-se com a complexidade do campo de seus investimentos psíquicos. Mendes, Viana e Bara (2014), ao considerarem que o sujeito, ao deparar-se com uma perda, é confrontado também com uma vivência de desamparo, sustentam a hipótese de que o fenômeno migratório, por vezes, pode apresentar demandas que extrapolam a capacidade elaborativa do sujeito. Mais especificamente no fenômeno migratório de sujeitos haitianos, esse aspecto adquire singulares contornos.

A situação atual do Haiti, bem como todo o desenvolvimento de sua história, é marcada por frequentes perdas, que colocam os sujeitos, constantemente, em uma situação de desamparo. Trata-se de um cotidiano permeado por intensas situações de violência, inúmeros conflitos políticos e frequentes catástrofes naturais, que corroboram para que o país caribenho seja considerado um dos mais pobres do mundo (Silva, 2015). Nesse sentido, denunciam-se as precárias condições de vida às quais a população haitiana está submetida. O terremoto que

atingiu o Haiti em 2010 comprometeu ainda mais a situação do povo haitiano, de modo que a fome, a precariedade da educação, os riscos à saúde e a violência se fazem presentes no dia a dia do país (Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Tisatto, 2016). Dessa forma, o dramático cenário no qual o Haiti se situa motiva a ocorrência de uma migração em massa para diversos países do mundo, sendo um destes o Brasil (Durans & Santos, 2016).

Ao deixar o país de origem e ir em busca de um novo lar, o migrante ver-se-á diante da necessidade de administrar as rupturas afetivas, linguísticas, culturais e profissionais que podem advir da experiência migratória. Tais elementos e experiências constituem a identidade do sujeito, de modo que o mesmo se reconhece a partir dessas condições. Na medida em que ocorrem perdas no campo identitário, as quais são inerentes ao processo de estrangeiridade, o trabalho de luto faz-se fundamental para elaborá-las. Ou seja, diante da “escolha” pela migração, o sujeito irá se deparar com a necessidade de ressignificar experiências e expectativas em relação ao país de origem.

A chegada às terras brasileiras exige do migrante o enfrentamento do desconhecido, no momento em que necessita confrontar-se com uma nova cultura, um novo idioma e novos costumes (Daure, et al., 2014). Ademais, o sujeito já em sua chegada precisará encarar o desafio da busca por um emprego a fim de garantir o seu sustento e o de sua família. Além disso, as condições mínimas relativas à moradia, à escola e à saúde irão resultar no desvelamento de aspectos burocráticos próprios a um país sobre o qual pouco ou nada sabem. Assim, para além da exigência de um inadiável enfrentamento a fim de atender suas necessidades básicas, caberá ainda ao migrante dispor de condições psíquicas para administrar os singulares efeitos em si mesmo decorrentes da saída de sua pátria e da chegada ao novo país.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo, ao considerar essencial lançar o olhar sobre o sujeito migrante, é investigar os processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos

inerentes à experiência migratória de sujeitos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Busca-se explorar os efeitos psíquicos no sujeito associados ao enfrentamento de demandas decorrentes da vivência migratória, a partir de narrativas sobre essa experiência. Afirma-se a importância de estudar em profundidade aspectos relativos ao fenômeno migratório observado em território nacional, na medida em que não se pode desconsiderar que essa experiência interfere de forma marcante nas condições de vida de um sujeito que deixou muito para trás e precisará criar novas possibilidades de laço social.

Método

Participantes

Participaram desta pesquisa três haitianos, sendo duas mulheres e um homem, que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti, em 2010. Os três haitianos são adultos e residem no país há mais de um ano. Com a intenção de garantir o anonimato das suas identidades, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. Considerando-se a história haitiana, bem como os dados obtidos nesta pesquisa, os nomes escolhidos são de origem francesa e têm significados que se aproximam às características presentes na história dos participantes. Nesse sentido, esses nomes são: Fernand, que significa “viajante corajoso”; Mirela, que significa “aquela que admira”; e Charlotte, que significa “mulher do povo” (Dicionário de Nomes Próprios).

Procedimentos para Coleta de Dados

Após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade (CEP/PUCRS) (ANEXO A) do Projeto Maior intitulado “*Movimentos Migratórios: Complexidades e Demandas à Investigação em Psicanálise*”, ao qual esta

Dissertação está vinculada, acessou-se os participantes por meio da técnica *Bola de Neve* (Turato, 2010). Tratou-se de identificar sujeitos como possíveis participantes da pesquisa, os quais indicaram outros e, assim, consecutivamente.

Uma vez identificados, convidou-se os sujeitos para participar voluntariamente da pesquisa e, após o aceite, foram agendados a data e o horário para a realização da primeira entrevista. Foram realizadas duas entrevistas com cada participante, as quais ocorreram individualmente. Todos os participantes leram e assinaram duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido vinculado ao Projeto Maior (ANEXO B), permanecendo uma cópia com o participante e outra com a pesquisadora. As entrevistas semidirigidas foram gravadas em áudio e ocorreram a partir dos seguintes eixos temáticos:

- história de vida do participante com ênfase na experiência migratória;
- significados atribuídos à experiência migratória;
- experiência de afastamento do país e da cultura de origem;
- experiência de acolhida no novo país;
- sentimentos advindos desta experiência;
- dificuldades vivenciadas no processo migratório;
- elementos que auxiliaram no processo migratório;
- recursos utilizados para lidar com as dificuldades da experiência.

Todas as entrevistas foram posteriormente transcritas para assegurar a fidedignidade dos dados. Ao final das mesmas, foi preenchida a Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos (ANEXO C) elaborada para este estudo, a fim de acessar informações que não tivessem surgido durante a entrevista.

Mediante a identificação de necessidade de atendimento psicológico por parte de um dos participantes, foi realizado o encaminhamento para o Serviço de Atendimento e Pesquisa

em Psicologia (SAPP) do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS (ANEXO D).

Procedimentos para Análise de Dados

As entrevistas foram analisadas por meio da Análise Interpretativa proposta por Erickson (1997), na qual cabe ao pesquisador descobrir diferentes estratos de particularidades e universalidades presentes nos dados obtidos. Assim, desvelam-se os aspectos específicos de cada entrevista e aqueles que podem ser generalizados para situações similares. Trata-se, conforme Erickson (1997), de uma generalização lógica e não estatística.

A partir do material coletado, foram formuladas duas *Asserções*, que variaram em amplitude e em níveis de interferência (Erickson, 1997). Em seguida, foi realizada uma revisão do *corpus* para testar e retestar as asserções a fim de encontrar evidências que confirmassem ou negassem a sustentação da assertiva apresentada. De acordo com Kude (1997), a partir da formulação e teste das asserções, buscam-se ligações-chave entre os dados, que consistem em interligar itens de dados como circunstâncias de um mesmo fenômeno. Trata-se de um “construto analítico que ata cordões entre esses itens”, de forma que quando se puxa um cordão, haverá vários outros atados a ele (Kude, 1997, p.197).

Por fim, foi feita a *redação da análise*, a qual é composta por tópicos das entrevistas acrescidos de *comentários interpretativos* (Erickson, 1997). Conforme aponta Kude (1997) existem três tipos de descrições essenciais neste relatório: descrição particular, descrição geral e comentário interpretativo. A *descrição particular* é a essência do relatório de pesquisa, na medida em que garante as asserções formuladas, sendo ilustrada pela vinheta narrativa. A *descrição geral* permite a generalização dos achados, apresentando o quanto é típica ou atípica uma circunstância particular. Por fim, o *comentário interpretativo* circunscreve as descrições particular e geral. De acordo com Erickson (1986), o mais importante e difícil é

“provar analiticamente a significância dos detalhes concretos relatados e das diversas camadas de significado contidas na narrativa” (p.152).

Dessa forma, o desafio está em alternar o que é específico de uma vinheta com o que é geral do comentário interpretativo (Kude, 1997). Nesta pesquisa, os dados foram interpretados a partir dos aportes teóricos da Psicanálise. Considera-se que a Análise Interpretativa vai ao encontro da proposição psicanalítica de buscar não a explicação aparente sobre um fenômeno, mas sim fomentar aprofundada investigação e interpretação de sua singularidade.

Resultados e Discussão

Os dados sociodemográficos que caracterizam os participantes deste estudo podem ser observados na Tabela 1:

Tabela 1 - Relação dos dados dos participantes obtidos nas entrevistas.

Participante	Idade	Tempo de permanência no Brasil	Países pelos quais passou antes da chegada ao Brasil / tempo de permanência	Trabalha atualmente	Com quem mora
Fernand	25 anos	2 anos	Equador / 8 meses	Sim	1 amigo haitiano
Mirela	22 anos	2 anos	-	Não	Marido e filho
Charlotte	40 anos	1 ano e 4 meses	República Dominicana / 10 anos; Equador / 9 meses	Não	6 amigos haitianos

Apresentação das Asserções

Após a análise dos dados coletados foram formuladas duas Asserções que contemplam aprofundada reflexão sobre os processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória. A primeira Asserção, intitulada **“O singular mal-estar no**

enfrentamento de demandas intrapsíquicas e intersubjetivas”, decorreu da constatação da necessidade de problematizar as modalidades de enfrentamento do sujeito na experiência migratória, em uma condição que extrapola o mero deslocamento geográfico. A segunda Asserção, intitulada **“O somatório de excessos nos diferentes tempos de (des)ilusão”**, explora os impactos psíquicos no sujeito migrante decorrentes de experiências de violência e desamparo, vivenciadas tanto no Haiti, quanto no Brasil. Apresentam-se a seguir as duas Asserções formuladas a partir dos dados obtidos junto aos participantes desta pesquisa.

Primeira Asserção: O singular mal-estar no enfrentamento de demandas intrapsíquicas e intersubjetivas

A primeira Asserção decorre de problematizações narradas pelos participantes da pesquisa a respeito da migração como uma busca por um lugar próprio. A complexidade presente no movimento migratório faz com que seja necessário explorar elementos que denunciam as modalidades de enfrentamento do sujeito em uma condição que vai muito além de uma deslocação territorial. Escobari (2009), a partir dos resultados de sua pesquisa acerca dos tensionamentos entre os deslocamentos psíquicos e geográficos desenvolvidos por meio de casos clínicos, aponta que a questão da migração parece estar prioritariamente sustentada por uma justificativa de que é possível pensar um futuro independente do passado. O sujeito migrante, ao se lançar na radicalidade do desconhecido, necessita acreditar na construção de algo totalmente novo (Escobari, 2009). Constata-se que, muitas vezes, no movimento migratório, o sujeito migrante vai em busca de soluções para as dificuldades vivenciadas no país de origem. Tratam-se de dificuldades que aludem a escassas condições de trabalho, ao predomínio da violência, a poucas oportunidades de estudo e qualificação e, na maior parte das vezes, a riscos importantes à sobrevivência (Fernandes & Castro, 2014). Em um estudo que buscou identificar as principais razões causadoras da migração haitiana, encontraram-se:

“trabalhar e estudar; buscar novas oportunidades; ajudar a família que ficou no Haiti; recomeçar uma vida após ter perdido tudo no terremoto; altos índices de violência; e por ouvir dizer que o ‘porto’ do Brasil estava ‘aberto’” (Santos & Cecchetti, 2016, p.66).

Na pesquisa realizada com os haitianos, esses elementos identificados como fatores motivadores da migração também se mostram muito presentes. Por meio da narrativa de Fernand pode-se identificar essa condição de precariedade, que fomentou a busca pelo Brasil como um país de novas oportunidades:

“Eu tava morando no Haiti [há] muito tempo, e Haiti é um país que não dá muito oportunidade pros haitiano. Porque o haitiano pode terminar [de] estudar, (...) não conseguir achar um serviço, (...) não conseguir achar nada porque não tem. Serviço tem pouco. Também os governos não tão dando oportunidade pros haitiano. Daí tem haitiano que deixa o Haiti, daí quer vir lá pro Brasil pra conseguir achar uma vida melhor.” – (Fernand).

Na fala de Fernand, o Brasil surge como uma saída diante das precárias condições de vida disponíveis no Haiti. Assim, o singular enfrentamento a ser realizado por esse participante em seu movimento migratório alude a encontrar em uma terra distante aquilo que não encontra em sua pátria. A partir da tomada de decisão pela migração, caberá ao sujeito migrante enfrentar-se psiquicamente com a necessidade de desinvestir expectativas quanto ao seu país de origem, bem como buscar recursos financeiros em sua parca realidade a fim de viabilizar o deslocamento, no caso, para o Brasil. Nessa direção, encontra-se na entrevista concedida por Rosita Milesi (2012), diretora do Instituto de Migrações e Direitos Humanos no Brasil, uma alusão ao “perfil” do migrante haitiano:

(...) pessoas que, em meio à pobreza e os escombros de um país pobre e destruído pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010, conseguiram reunir junto a seus familiares e amigos uma quantidade de recursos suficientes para pagar o custoso e explorado deslocamento do Haiti até a fronteira brasileira, passando por vários países. (Milesi, 2012, p.8)

Denuncia-se, assim, tanto o valor concretamente despendido quanto a enorme expectativa atribuída à vinda para o novo país. Conforme Da Silva e Lima (2016), elementos como a pobreza, a guerra e as catástrofes naturais fazem com que o haitiano, pela esperança de resgatar a sua condição de sujeito, migre em busca de uma melhor qualidade de vida. Na escuta das narrativas das participantes Mirela e Charlotte, esses elementos são identificados, havendo a esperança de encontrar no Brasil melhores condições de vida e melhores oportunidades de estudo e emprego.

Após a chegada ao contexto brasileiro, segundo narrativas dos migrantes entrevistados neste estudo, passa a se presentificar intensa frustração, na medida em que suas expectativas não são correspondidas pela realidade. Além das dificuldades inerentes ao processo migratório, como a imposição de uma nova cultura, um novo território, um novo idioma e novos costumes, os migrantes ainda se deparam com dificuldades que incrementam as impossibilidades de alcançar o singular objetivo da migração. Tal situação pode ser ilustrada por meio da fala de Mirela a respeito do Brasil:

“Não tem Universidade. Eu vim aqui pra vir pra escola, depois vai pra Universidade. Agora eu não consegui porque eu não consegui creche pro meu filho, só isso.” – (Mirela).

Diante da frustração de não estar realizando seus planos, visto que não conseguiu ingressar na Universidade, nem encontrar emprego, e tampouco uma creche para o filho, Mirela reage com tristeza, mostrando-se muito queixosa em relação à sua ociosidade. Pode-se observar, na narrativa dessa participante, como a mudança migratória associada à posterior experiência de decepção provoca importantes efeitos no psiquismo, constituindo uma especificidade em sua condição de mal-estar. Considera-se fundamental no olhar de atenção direcionado ao migrante o cuidado na identificação da singularidade desse mal-estar. Entende-se que sua instalação se relaciona ao fracasso ou à precariedade nas condições de enfrentamento com a diferença inquestionável entre suas singulares expectativas e a real

condição vivenciada pelo sujeito. A singularidade do mal-estar e sua relação com as expectativas que provocaram o movimento migratório podem ser observadas na narrativa dos três participantes da pesquisa:

“Lá no meu serviço não deram vale-alimentação, não deram muita coisa lá, só vale-transporte e deu. E deu. Daí ficou muito difícil pra mim. Mas não tem o que fazer, não tem. Não é fácil pra achar outro serviço, não é fácil. Daí é muito difícil pra mim, eu não to gostando do meu serviço, daí.” – (Fernand).

“Ah, eu tô com tristeza, porque eu sinto... Todo dia na minha casa sem fazer nada, sem estudar nada, só minha tristeza, só isso.” – (Mirela).

“Esse é o meu problema, eu sempre com dor de cabeça. Às vezes eu [estou] fazendo comida e, ai, não quero comer, pensando, pensando.” – (Charlotte).

A partir das diferentes nuances na enunciação do mal-estar que se apresenta nessas narrativas se faz evidente a singularidade dos efeitos intrapsíquicos decorrentes das experiências no campo intersubjetivo. Essas diferenças terão, no caso da migração, importantes consequências no que se refere aos elementos identitários do sujeito migrante, bem como suas possibilidades de nova inserção no laço social. Segundo refere Bleichmar (2005), a produção de subjetividade implica a maneira como se constitui a singularidade humana no cruzamento de demandas universais, particulares, bem como os aspectos históricos e políticos que produzem o sujeito social. Mais especialmente em relação ao sujeito migrante haitiano, constata-se que também a vinda ao Brasil, na contramão de suas expectativas, passa a fomentar a continuidade do desamparo social experimentado no Haiti.

Da Silva e Lima (2016) apontam que os migrantes haitianos, ao chegarem no território brasileiro, deparam-se com a fome, com o desemprego e, por vezes, com um ambiente hostil e discriminatório. A expectativa de chegada e de encontro com condições “salvadoras” de vida vão perdendo espaço na mesma proporção em que cresce o risco à vulnerabilidade psíquica.

Ou seja, instala-se como importante eixo de reflexão sobre o sujeito migrante a vulnerabilidade em relação à temática da identidade. A identidade, conforme Bleichmar (2009), refere-se a uma estrutura constituída por invariantes que se repetem, possibilitando o funcionamento psíquico. Trata-se do sentimento de si, que corresponde a uma noção de permanência e continuidade, de maneira que as modificações em suas referências identificatórias são sentidas com estranheza (Rother Hornstein, 2006).

O sentimento de si, de acordo com Hornstein (2009), necessita de um investimento contínuo do outro, supondo “um compromisso entre aquilo que permanece e aquilo que muda, entre um núcleo de identificações e de representações objetais e as recomposições que exigem os encontros” (p. 54). Assim, mesmo que a temática identitária essencialmente diga respeito ao sujeito, a importância dos investimentos recebidos do outro é imprescindível. No que se refere à necessidade de reorganização psíquica do sujeito migrante, também é preciso considerar, junto às demandas intrapsíquicas, as experiências do campo intersubjetivo, as quais sofrem evidente influência das exigências culturais. Cabe destacar que a chegada ao território brasileiro ao instaurar a reprodução de precárias condições no que tange à atenção e cuidado à integridade física e psíquica do migrante falha consideravelmente em suas possibilidades de auxílio acerca da experiência de encontro humano, no qual se ofertam efetivas capacidades de recomposição frente à vulnerabilidade do sujeito.

Um dos principais desafios que se apresenta ao migrante na chegada ao Brasil diz respeito à obtenção de emprego. O sujeito migrante encontra, atualmente, no contexto brasileiro, um cenário econômico que não favorece nem a população local, quanto mais a estrangeira (Da Silva & Lima, 2016). Tal dificuldade parece estar relacionada ao momento de crise do país; porém, também alude a questões próprias do sujeito migrante, como o tema da aquisição de idioma e, no caso do migrante haitiano, ainda as características étnicas. Mirela narra sua busca por trabalho a partir da seguinte reflexão:

“Aqui se tem cinco pessoas [que] vão buscar trabalho, tem bastante brasileira. A gerente falou [que] aqui, agora [no] Brasil tem uma crise, e só brasileira que vai trabalhar, não tem vaga pra haitiano, só isso”. – (Mirela).

A vantagem atribuída à contratação de brasileiros surge em detrimento aos estrangeiros haitianos, provocando nestes importantes questionamentos em relação ao seu próprio valor e expectativas de vida. Nessa mesma direção, também passam a ser questionados os investimentos e projetos relativos ao que fora experimentado no Haiti, como pode ser ilustrado na fala de Fernand:

“Não to muito satisfeito porque eu tenho ensino médio completo, eu to trabalhando de construções, ahn, ahn, tipo assim, to trabalhando na limpeza, tira os lixos na rua, mas eu, eu fiquei muito tempo estudando lá no Haiti. Gastei bastante dinheiro lá no Haiti pra, (...) pra ser educado lá no Haiti”. – (Fernand).

A partir da narrativa do migrante, percebe-se sua intensa insatisfação no que concerne ao trabalho desempenhado no Brasil, na medida em que considera que investiu financeiramente em sua educação para ser mais bem reconhecido. Da Silva e Lima (2016) apontam que dado que os migrantes chegam ao Brasil, na maioria das vezes, com poucas economias, acabam por se abrigar em lugares insalubres e tornam-se alvo de propostas para trabalhos degradantes. Assim, ainda que possuam algum grau de qualificação profissional e falem português, muitas vezes são explorados pelo mercado de trabalho brasileiro, submetendo-se à mão de obra barata e a poucos direitos trabalhistas (Moraes, et al., 2013).

O valor atribuído aos estudos é uma constante nas narrativas de migrantes haitianos e fomenta interrogantes sobre a dificuldade em obter emprego no Brasil. Por vezes, a situação de crise econômica parece dar conta desse questionamento, contudo, também os migrantes levantam a hipótese de que sua estrangeiridade surge como aspecto que os desqualifica para o trabalho.

Cabe ressaltar a centralidade que ocupa o tema da obtenção de trabalho na vida dos migrantes haitianos. Para além do desejo de um ganho salarial como garantia mínima de sobrevivência, a busca por trabalho e sua consequente remuneração financeira está atrelada não apenas ao sustento próprio, mas também ao sustento da família. Conforme Bijos (2015), muitos haitianos separam parte de seu dinheiro para sustentar suas famílias, ou ainda, financiar a vinda dos familiares ao Brasil. Destarte, por mais que a migração seja considerada uma ação particular, o migrante pode ter sido pressionado por familiares para migrar em busca de melhores oportunidades de emprego e, assim, enviar remessas de dinheiro para auxiliá-los (Diehl, 2017). Trata-se de garantir o mínimo de sobrevivência tanto para familiares que os acompanharam na condição de migração, como àqueles que permaneceram no Haiti sob precárias condições de vida, de modo que, conforme Handerson (2015), o migrante haitiano “não busca somente o seu bem-estar, mas o de toda a família” (p.312).

Essas considerações são ilustradas com a história de Charlotte, que deixou o Haiti visando a obter *“uma vida melhor pra minha família, porque lá no Haiti não tem emprego”*. Assim, a migrante busca por uma vida melhor tanto para sua família no Brasil (marido e filha) como para a família que deixou no país de origem (sua mãe e seus outros cinco filhos, deixados ao cuidado desta). Charlotte conta sua experiência de trabalho em um hotel brasileiro:

“Quando eu tava trabalhando na limpeza do hotel, eu trabalhou 3 meses. Eu tava um pouco feliz, porque todo mês eu manda pra minha mãe, tá. Eu sei que [se] eu mandar, ela vai comer”. – (Charlotte).

Evidencia-se, na narrativa de Charlotte, o lugar central dos recursos financeiros decorrentes de seu trabalho enviados ao Haiti, uma vez que as já precárias condições experimentadas lá seguem vigentes, apesar de sua migração para o Brasil. Os participantes deste estudo dão testemunho da condição na qual passam a ser demandados por duas

condições fundamentais: assegurar o próprio sustento e assegurar o sustento daqueles membros da família que permanecem no Haiti. Fernand também precisa enviar seu ganho salarial para garantir condições de sobrevivência à sua família.

“Daí eu tenho que ficar lá trabalhando e quando recebo dinheiro tenho que mandar pra ela e pagar o aluguel e depois eu fico sem nada, é assim a vida pra mim”. (Fernand).

Fernand apresenta-se muito frustrado diante dessa condição, e oscila entre momentos que reclama desse envio de dinheiro para o Haiti e outros nos quais evidencia completa concordância com a dependência materna e fraterna em relação aos seus ganhos. As narrativas dos migrantes ilustram a manutenção de certo cerceamento à autonomia do sujeito, uma vez que no próprio ato de migrar já está incluída a assunção pela sobrevivência dos que ficam, sendo também os que ficam aqueles que financiaram sua condição de sair. A família apresenta-se, portanto, como fator que ocasiona a migração e também influencia diretamente na forma como o migrante passa a viver no novo país, bem como nas possibilidades de planos e desejos para o futuro. Sobre seu projeto de vida, Mirela refere que:

“Se eu tô trabalhando eu vou fazer tudo, realizar o meu sonho. (...). Meu sonho é grande. (...). Ter uma casa confortável e pra ajudar o meu filho também. Ajudar ele na escola, na creche. Depois da creche ele vai pra escola”. (Mirela).

Nessa perspectiva, as relações familiares têm fundamental influência nos investimentos do sujeito, percebendo-se seus efeitos na própria condição de desejar do migrante. Vale salientar a linha tênue existente entre o desejo em ajudar a família e a indiscriminação de fronteiras entre o Eu e o objeto, quando parece ser impossível trazer para o campo intersubjetivo a noção de diferença. Conforme Diehl (2017), os migrantes haitianos trabalham e economizam ao máximo o dinheiro que recebem a fim de enviá-lo a suas famílias.

Os participantes desta pesquisa relatam muitas vezes essa sensação de “ter que” ajudar, e também junto a ela a impossibilidade de usufruir de qualquer sensação de bem-estar frente ao reconhecimento da precariedade na qual vivem os familiares. Assim, passa a imperar um mal-estar que os impede de desfrutar de condições mais favoráveis no novo país, como pode ser ilustrado por meio das narrativas de Fernand e Charlotte:

“Eu tava saindo com eles [amigos brasileiros], agora eu parei um pouco de sair. To pensando, porque a minha mãe tá doente, daí não da pra sair. A minha mãe tá triste lá no Haiti e eu to aqui no Brasil feliz? Não. Não. Daí eu parei um pouco de sair. Parei um pouco e também não to feliz, não to feliz. Daí, eu parei um pouco”. – (Fernand).

“Eu não passa fome, pero lá eu passo fome, minha família tá passando. Aqui também, por isso tenho às vezes sempre com dor de cabeça, ou não come, ou não tá bem, porque tua família não tá aí”. – (Charlotte).

Evidencia-se que a condição precária do outro familiar os confronta continuamente com a capacidade de administrar psiquicamente tanto seus desinvestimentos (o que fica para trás no Haiti) como seus investimentos (projetos e realizações na nova condição). Observa-se, assim, a possibilidade de instauração de um prejuízo na *balança energética* (Freud, 1917[1915]/2006), uma vez que o sujeito é convocado a estabelecer um delicado equilíbrio entre os investimentos no si mesmo e aqueles destinados aos objetos. Na condição de migração, ao se encarregar intensamente das demandas do outro, que ficou no lugar de onde o sujeito desejou sair, podem imperar impossibilidades de investimento em projetos e desejos relativos ao si mesmo, dificultando a condição de desfrutar de novas possibilidades e experiências no campo alteritário.

O compromisso em ajudar o outro se mostra como uma predominante característica haitiana e se estende à concepção de um espírito comunitário de cuidado com o próximo, para além de familiares. Conforme Alexis (1970), as intenções relativas a ajudar o próximo e a

pensar o coletivo surgem como característica do povo haitiano, que pode ser observada desde a conquista pela independência do Haiti, criando um modelo identitário regido pelo sentimento de fraternidade. Pode-se ilustrar tal valor por meio da narrativa de Charlotte, que cuida de filhos de amigas, acompanha amigos em consultas médicas e entrevistas de emprego:

“Eu ajudo a outra pessoa. Eu tô há um ano e quatro meses aqui e tem outras pessoas que tão há um mês, dois meses, seis meses, que não fala, que não entende nada. Eu ajudo, se essa pessoa vai para o hospital eu vou com ela, eu ajudo. (...) . Eu ajudo com o meu esforço. Às vezes eu tenho outra enteada pra procurar emprego, eu vou com ela.” – (Charlotte)

Fica evidente a solidariedade como um valor próprio da cultura haitiana. Barbosa (2015) refere que a ajuda ao próximo pode ser observada entre os migrantes, na partilha de seus bens, do espaço físico e da comida, ou até mesmo com os brasileiros pobres. Mirela narra uma experiência que vivenciou na parada de ônibus em uma capital brasileira:

“Haitiana viu num ônibus uma mulher que tem uma criança de três anos. Ela chama o brasileiro “oi, por favor, me ajuda com 5 reais”, [o brasileiro diz] “eu não tenho dinheiro”. Eu eu vou levar 20 reais pra ela, porque ela falou [que] a menina tem um problema, ela vai pro hospital que é muito longe com a filha dela. Ela não tem dinheiro pra pagar ônibus, eu vou levar 20 reais pra ela. Porque todos os haitianos têm um coração muito bom, tem sensibilidade também.” – (Mirela)

Percebe-se, claramente, a preocupação com o cuidado do próximo e a empatia existentes nas narrativas das migrantes haitianas. Essas características estão presentes de forma tão asseverada, que podem ser explicitadas por meio do provérbio haitiano “manje kwit paguem mét” - A comida preparada não tem dono, ou seja, é para todos (Barbosa, 2015). Evidencia-se, assim, a referência na literatura sobre o compromisso haitiano com a inclusão e com o cuidado para com o outro.

Vale salientar, porém, a tênue linha existente entre o que pode ser definido como solidariedade e o que, por vezes, alude a uma condição de obediência e submissão que, inclusive, prejudica o sujeito na luta por seus direitos. Nesse sentido, assevera-se a urgência de uma reflexão que contemple tanto aspectos da subjetividade quanto os impactos da realidade sobre o sujeito. Cabem ressaltar os diferentes cenários de excesso aos quais o migrante haitiano fisicamente sobreviveu, tanto no país de origem quanto no país de chegada. Problematizam-se, portanto, na próxima asserção, os efeitos psíquicos que incidem no sujeito migrante advindos da violência experienciada no Haiti, bem como do contexto brasileiro.

Segunda Asserção: O somatório de excessos nos diferentes tempos de (des)ilusão

Esta segunda Asserção explora os impactos psíquicos no sujeito das experiências de violência, vivenciadas tanto no país de origem, quanto no país de destino. A história haitiana é marcada por uma crise política que, conforme Lucenna (2014), é constituída por 34 golpes de Estado, característica histórica tão importante quanto a conquista da sua independência. Nesse sentido, ao longo de todo o desenvolvimento do Haiti, ficam evidentes os intensos efeitos advindos da sequência de vivências de ditadura e autoritarismo, das recorrentes disputas de poder, bem como das frequentes catástrofes naturais, colocando o Haiti na posição de país mais pobre das Américas (Silva, 2015). Assim, as dramáticas condições sociais e econômicas do país caribenho indicam a relação entre os fatores históricos e os elementos causadores da instabilidade política do país, o qual não rompeu com a estrutura social deixada como herança colonial (Lucenna, 2014). Além disso, por todo seu histórico, o Haiti experimentou o genocídio e o etnocídio de nativos, denunciando a extrema violência que persiste no país (Durans & Santos, 2016).

Atualmente, conforme estudo desenvolvido por Tisatto (2016), a população da antiga colônia francesa sofre de subnutrição e vive abaixo da linha da pobreza estipulada pela

Organização das Nações Unidas, sendo considerado um dos países mais pobres do mundo. Durante o processo de recuperação frente a três furacões que atingiram o país em 2009, o Haiti sofreu um imenso terremoto em 2010, agravando a condição de miséria do povo haitiano, de forma que a fome, a precariedade da educação e a violência se fazem presentes no cotidiano do Haiti (Moraes, et al., 2013; Tisatto, 2016). Além disso, as terras haitianas são utilizadas pelo tráfico como via de passagem aos Estados Unidos, o sistema político é desorganizado e há uma epidemia de vários tipos de enfermidades, como AIDS e Cólera (Moraes, et al., 2013; Tisatto, 2016). Nesse sentido, a população haitiana enfrenta, na contemporaneidade, importantes dificuldades na luta pela sobrevivência e pela garantia de direitos humanos, na medida em que o país encontra-se em um grave estado de miséria (Tisatto, 2016).

Dado esse cenário de extrema violência e pobreza, o Haiti esteve, desde 2004, sob intervenção da Organização das Nações Unidas, que enviou uma missão de paz ao país, visando a garantir segurança, a acabar com a instabilidade política e a controlar manifestações populares a fim de assegurar uma “ordem” (Lucena, 2014; Tisatto, 2016). Tal missão foi denominada MINUSTAH - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, sendo liderada pelo Brasil, que enviou 2100 homens dos Batalhões Brasileiros de Força de Paz, totalizando um efetivo de 6700 militares de 12 países para assegurar a paz no Haiti (Dias, 2011). Após 13 anos, a Missão para Estabilização do Haiti teve seu fim, mais especialmente no dia 15.10.2017, e será substituída pela Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti (MINUJUSTH), a qual apresenta como objetivo fortalecer as instituições públicas e o Estado de Direito no país (Correio do Povo).

Porém, conforme denunciado na mídia por Hurbon (2017), professor haitiano da Universidade do Estado do Haiti, o país não está a salvo, e ainda enfrenta importantes questões relacionadas à corrupção, no que diz respeito aos privilégios do Estado, e

consequentemente, aos graves problemas sociais, como a violência, a educação e os direitos humanos. De acordo com Hurbon (2017),

(...) os desafios que se colocam hoje ao Haiti são numerosos e urgentes. A taxa de analfabetismo, em 54,1%, é a mais alta de toda a América Latina e Caribe, enquanto escolas e universidades privadas proliferam. Os hospitais são desorganizados e têm funcionários ausentes. Cidadãos ficam anos presos sem a garantia de um julgamento justo. (...) Pergunto-me se, no fundo, a ideia da democracia não está em declínio na era da mundialização e se o objetivo inconfessado da Minustah no Haiti não é o que chamamos hoje de “estabilização autoritária” e uma imitação da democracia que dá, ao país, a aparência de governar a si próprio. (p. 6)

Evidencia-se, portanto, no testemunho do professor haitiano, a grave e dramática situação política, econômica e social na qual o Haiti se encontra atualmente. De acordo com Durans e Santos (2016), em 2015 o país era composto por 8,1 milhões de habitantes, sendo que 80% viviam abaixo da linha da pobreza, 75% das moradias não possuíam saneamento básico, 58% estavam subnutridos e 80% estavam desempregados.

Os haitianos entrevistados nesta pesquisa referem as precárias condições quantificadas nos dramáticas percentuais referidos como constituindo fatores motivadores da migração. Suas falas denunciam a constatação das precárias condições do país, bem como a ausência de condições mínimas de moradia e de sobrevivência, que impossibilitam alimentar projetos e expectativas a respeito de seguir vivendo no Haiti. Charlotte descreve com exatidão a forma como as precárias condições de vida adentram o cotidiano dos haitianos e tornam o Haiti um país do qual seus cidadãos buscam sair.

“Lá não tem, não tem segurança. Eu não podia andar em, não podia andar como anda aqui, qualquer rua de noite, eu não podia andar de dia também. Lá não é assim, lá não tem, eu digo que não tenho, não tem nada bom. Tudo, tudo é difícil lá. Vou sempre vivendo

preocupada, preocupada. (...). É sempre como uma, é como uma guerra. (...). Tudo é difícil lá, tudo, tudo é difícil. (...). Lá não tem, não tem elétrica, não tem luz, não tem hospital, não tem nada bom. E governo não fazer nada por ninguém. ” – (Charlotte).

Sobre a extrema violência e temor que marcava seu cotidiano, Charlotte refere:

“Em Haiti eu não pude andar com uma criança que te roubam. (...) E fazer coisa com elas. Coisa de demônio. Eu vi las, las, las pessoas queimando pessoa viva. É difícil. Eu morar em Porto Príncipe quando eu tinha 32 anos, eu vi o homem queimando outro homem vivo assim! Tu vê tanta coisa, eu não quero mais.” – (Charlotte).

A partir da narrativa da migrante, percebe-se a condição de desamparo vivenciada no país de origem, de forma que deixar o Haiti torna-se a saída possível para encontrar uma sensação de segurança e bem-estar. Fernand e Mirela, assim como Charlotte, também referem os efeitos desconcertantes das intensas dificuldades vivenciadas no país de origem, no que diz respeito à desigualdade social, à desesperança política, à precária educação, e às oportunidades de emprego. Por outro lado, Mirela e Charlotte apontam que as pessoas que têm melhores condições financeiras vivem bem no Haiti:

“Se uma pessoa tem mais possibilidade lá no Haiti ela tá vivendo muito bem. (...) Aqui no Haiti tem um problema a Universidade. Se uma pessoa tem bastante possibilidade vai lá numa Universidade pra aprender tudo”. – (Mirela).

Observa-se que o “viver bem” no Haiti passa a ser literalmente um privilégio possível de ser usufruído apenas por aquelas poucas pessoas que dispõem de recursos econômicos. Nesse sentido, condições mínimas de sobrevivência, de assistência, e de acesso à educação passam a ser atreladas à posse de recursos financeiros, os quais, considerando-se a história do país, aludem sempre à minoria de sua população. Da mesma forma, no que diz respeito às condições de saúde, Charlotte relata como uma pessoa que não possui condições de pagar o

atendimento médico ou não tem um contato que lhe facilite o acesso à instituição de saúde encontrará grandes dificuldades para ser atendida:

“Tem que ter um amigo dentro pra fazer um atendimento, tem que ter um amigo, tem que ter família, tem que ter dinheiro.” – (Charlotte).

Salienta-se que além das dificuldades econômicas e políticas, o Haiti depara-se, com frequência, com importantes desastres naturais, que incrementam a miséria já vigente no país. Bleichmar (2003) refere que até mesmo uma catástrofe natural, bem como seus impactos, podem ser decorrentes de situações de descuido e negligência do governo, quando um país se vê devastado. A autora ilustra tal constatação por meio do terremoto ocorrido no México, no qual grande parte dos edifícios destruídos tinham sido construídos na época da corrupção e, portanto, não cumpriam as normas de construção. Da Silva e Lima (2016) afirmam, em relação ao terremoto ocorrido no Haiti que, apesar de o país estar situado em uma região geograficamente vulnerável, isso não justifica a intensidade do desastre. Essa situação permite constatar como na ocasião de um desastre natural passam a ser implicados, necessariamente, fatores sociais e políticos. Constata-se que tais fatores se evidenciam tanto na fragilidade das áreas devastadas pelo fenômeno natural, como também nos poucos recursos destinados ao atendimento das necessidades da população. A fala de Charlotte sobre o que é necessário ter no território do Haiti para acessar um atendimento médico ilustra, claramente, o extremo desamparo a que sua população está submetida.

Nesse sentido, o terremoto ocorrido no Haiti parece ter deixado ainda mais evidente a precariedade das condições de vida da população. A forma como as instituições administraram a tragédia ocorrida ilustram novas faces da violência. Fernand, reage com tristeza ao falar sobre o terremoto que devastou sua pátria em 2010:

“Nem quero falar muito disso, porque já vai me dar uma tristeza, porque morreu bastante gente. Botaram gente lá num, num caminhão e joga lá no, no... é muito... ah...”

Sempre aconteceu alguma coisa ruim lá no Haiti, sempre. Se não foi o terremoto, uma, uma outra coisa. Muitas coisas, lá no Hai. Atualmente tem uma coisa lá que tá acontecendo lá no Haiti. Choveu muito, tem uma cidade lá que, ahn, não sei como falar, muita água. (...). Daí o povo lá fica, fica na rua, eles ficam na rua.” – (Fernand).

Por meio da narrativa de Fernand, percebem-se elementos que aludem, mas também ultrapassam, à descrição de efeitos decorrentes da instabilidade climática. Sua fala denuncia, assim como a de Charlotte, a persistente manutenção de precárias e deficientes condições de vida e de sobrevivência da população haitiana. Charlotte refere que após o terremoto as dificuldades aumentaram:

“Antes era um pouquinho melhor, (...) las pessoas que planta arroz, feijão, fazer comida, como se chama? (...). Agricultor, antes havia muito e agora não tem porque não tem água, não tem coisa pra ajudar a fazer comida. Tudo tem que ser importado. (...). Depois do terremoto, se levará tudo”. – (Charlotte).

O terremoto que atingiu a capital implicou consequências no país inteiro. Além de um significativo número de mortos e feridos, o desastre provocou a impossibilidade de plantar e de colher, bem como a queda de presídios, que levou à fuga de 4500 presidiários (Dias, 2011). A devastadora catástrofe natural agravou, portanto, o caos no país caribenho, o qual efetivamente não tem, em sua história, períodos marcados pela estabilidade política e pelo estabelecimento de cuidado e atenção à sua população.

Diante dos intensos impactos da violência advinda de um lado das catástrofes naturais e, de outro, do comprometimento da garantia de direitos básicos do ser humano, acaba por resultar um penoso processo de desilusão por parte do sujeito a respeito das possibilidades de encontrar em seu país possibilidades mínimas de moradia, sobrevivência física e sobrevivência psíquica. Nessa perspectiva, a partir de 2010, os haitianos encontraram na

migração uma tentativa de fugir da miséria do país de origem e buscar melhores condições de vida (Durans & Santos, 2016).

O Brasil apresentou-se como potencial país de destino, na medida em que já havia estabelecido um vínculo com o Haiti, por meio da MINUSTAH, facilitando a vinda dos haitianos (Moraes, et al., 2013; Rosa, 2015). Vale destacar que o Brasil não recebeu os haitianos na condição de “refugiados”, visto que a Lei brasileira 9474/97 e a Convenção de Genebra não consideram as motivações da migração haitiana causa de refúgio, já que não são abarcadas nas categorias de perseguição, guerras ou ameaças de vida.

Nesse sentido, conforme Moraes et al. (2013), a entrada dos migrantes haitianos no Brasil se deu por meio de um visto humanitário, emitido em número limitado, com fins de condições de trabalho e de estudo no Brasil. Em 2013, depois de sofrer críticas e ações jurídicas a respeito da forma de acolhida dos migrantes, o Brasil passou a emitir vistos ilimitados para os haitianos (Moraes, et al., 2013). Além da facilitação de acesso às terras brasileiras, Diehl (2017) constata que o país se tornou um dos destinos preferidos, devido à construção de um imaginário positivo acerca do Brasil, visto assim como “um país aberto para receber os imigrantes, onde não existe racismo e preconceito e que todos são bem-vindos” (p. 45). A partir disso, constatou-se o aumento do fluxo migratório de haitianos para as terras brasileiras.

Os participantes desta pesquisa narraram sobre a experiência de viver no Brasil, apontando uma melhora em relação ao Haiti. Mirela, apesar das importantes dificuldades que encontra no seu cotidiano em solo brasileiro, demonstra esperança de que sua vida melhore no futuro:

“Todo mundo que vem aqui e não conhecia o país fica tranquilo, depois vai melhorar...”. – (Mirela).

Diante do caos vivenciado no país de origem, a vinda ao Brasil parece oferecer certa continência por alguns momentos. Sobre a vida no Brasil, Fernand narra:

“Eu fiquei gostando de Brasil, porque a gente tá falando que no Brasil lá tem oportuni, muita oportunidade, daí eu vim pra cá. Mas... Mas nem, não muda nada. Eu gosto mais do Brasil só porque, não, só porque, no Brasil, é, o serviço mais seguro, é, mais seguro no Brasil. (...) Se eu volto lá pro Haiti não vai ter nada melhor pra mim. Mesma coisa. (...) Mas eu, eu gosto do Brasil, daí eu vou ficar, eu vou ficar aqui, mas se não melhorar daí eu vou mudar de, vou mudar de país, porque assim a gente não consegue ajudar nada. Não consegue fazer nada”. – (Fernand).

A partir das narrativas de Mirela e Fernand, observa-se que a permanência no novo país não está prioritariamente vinculada ao objetivo inicial de encontrar novas possibilidades de vida, mas sim de evitar o retorno ao país de origem, que apresenta piores condições do que aquelas encontradas no Brasil. Nesse sentido, percebe-se o predomínio de certa ilusão na escolha do Brasil como sendo um país que poderia dar conta do intenso desamparo vivenciado no Haiti e oferecer oportunidades para um futuro melhor.

No decorrer do tempo, os migrantes haitianos passaram a se deparar com diferentes formas de serem recebidos pelos brasileiros, que variam desde um cuidadoso acolhimento até discursos racistas e xenófobos. Charlotte refere que se sente mais bem tratada no país estrangeiro do que no país de origem:

“Eu tava lá no [nome do supermercado], quando eu tava trabalhando no [nome do supermercado], todo mundo me trata bem. Quando eu vou a hospital, quando eu to aqui no curso, no ônibus, toda gente me trata bem”. – (Charlotte)

Por outro lado, Mirela e Fernand referem frequentes situações de preconceito e racismo por parte dos brasileiros. Conforme Almeida e Brandão (2015), é comum os migrantes se depararem com dificuldades de sociabilidade, em razão do preconceito e do

racismo, bem como pela veiculação de notícias a respeito de um número expressivo de haitianos ingressando no Brasil. Sobre uma situação racista que vivenciou no país de destino, Mirela narra da seguinte maneira:

“Quando eu vim aqui, tem uma gurria que tem só onze anos, ela viu mim ele tá rindo “você é muito feia, você não tem cabelo bonitinho”. (...) eu falei nada, porque eu tava no país dela, não falei nada.” – (Mirela).

Percebe-se, a partir da narrativa de Mirela, o silêncio diante das explícitas ofensas dirigidas a ela. Rosa (2010) aponta que o silenciamento dos haitianos indica uma ação política que visa a garantir sua permanência em solo estrangeiro. Nesse sentido, evidencia-se claramente na fala da migrante, a sensação de não-pertencimento ao novo país, e uma consequente postura marcada pela submissão. Fernand também demonstra intenso incômodo em relação às situações de xenofobia e racismo que vivenciou no Brasil.

“Ai, não sei como falar isso porque, ah, tipo assim, uma coisa tipo racista. Daí, tipo racista, só que eu sou haitiano, todo haitiano, se haitiano aparece, se um haitiano aparece aí todo mundo fica, sabe que é um haitiano porque haitiano é preto, tem cabelo (...). Daí fica falando mal dos haitianos, daí nem falam nada mas eu fiquei muito triste, as vezes eu chorei, eu não gostei isso (...). Até no ônibus, ahn, ahn... Muitas, muitos lugares acontece isso. Quando tu entra e todo mundo fica, fica, tipo assim, segurando (...) bolsa, segura e, e, humilha a gente. Eu não gosto muito disso.” – (Fernand).

O sentimento de tristeza de Fernand denuncia a precariedade das relações alteritárias estabelecidas no novo país, bem como evidencia o impacto no migrante da manifestação de aspectos racistas do imaginário brasileiro que tem a figura do negro como “perigoso”. Em relação ao imaginário brasileiro, Rocha (2014) refere que o migrante bem acolhido no Brasil é aquele cuja origem é europeia, e ao qual são atribuídas contribuições na urbanização e modernização do país, nos séculos XIX e XX.

Neste estudo, observa-se claramente, nas narrativas dos participantes, uma comparação advinda de um intenso incômodo entre migrantes europeus e migrantes haitianos. Os entrevistados afirmam que os migrantes europeus têm seus direitos reconhecidos, enquanto os haitianos não os têm. Fernand, Charlotte e Mirela expressam sua incompreensão e indignação da seguinte maneira:

“E os haitianos não têm todos os direitos. Não tem tudo. Daí... Isso daí é um problema que nós somos humanos também, que nem os brasileiros, alemão, italiano, tudo. Somos mesmo, e, mesma coisa. Somos humanos. (...) tem que tratar todo mundo igual, igual. Daí eu não to gostando muito isso aí. (...) Somos todos humanos, daí, todo mundo tem que tratar todo mundo igual. Não é porque eu sou haitiano que tu tem que me tratar diferente. Não. Daí os alemão, italiano, e... eles também, também, também.” – (Fernand).

“Não sei porque... porque somos todos humanos.” – (Charlotte).

“Porque todo mundo é igual, todo mundo tem sangue, não tem diferente.” – (Mirela).

Diante das falas dos haitianos, evidencia-se a dor advinda de experiências de indiferença no novo país, que colocam em cena formas de recepção xenófobas e racistas de migrantes por parte dos brasileiros. Diehl (2017) considera tais discursos pelo fato de ter ocorrido uma “migração em massa”, ocasionando o estranhamento da população em relação à presença desse grupo migrante que aumentava progressivamente. Nessa perspectiva, Freud (1930/2006), no período entre guerras, já referia como, por vezes, um grupo de iguais pode ter como escoadouro para a agressividade própria de seus membros outro grupo marcado pela condição de estrangeiridade. Ao escolher o estrangeiro como alvo da hostilidade, o grupo parece preservar seus próprios membros.

A partir das intensas vivências de indiferença experienciadas no país de destino, percebe-se, no deslocamento migratório, a ocorrência de um (re)encontro com a violência, denunciando, assim, o necessário enfrentamento com uma situação de sobreposição de crises.

Nesse sentido, são identificados três diferentes tempos como inerentes ao processo da migração haitiana, vivenciados pelos participantes deste estudo. O primeiro tempo diz respeito à *desilusão com a própria pátria*. Nesse momento, o sujeito reconhece a impossibilidade de reverter as condições de miséria e a extrema violência que permeavam seu cotidiano no Haiti. A desilusão com a pátria fomenta a busca por novos rumos, tanto para atender suas necessidades, como para promover condições de bem-estar a entes próximos. Cabe ressaltar que, como efeito da desilusão, é exigido do sujeito migrante o desinvestimento de seus vínculos e de seu cotidiano. O segundo tempo alude à *ilusão quanto ao devir*, ou seja, a expectativa de que um novo país, no caso o Brasil, ao tornar-se depósito de expectativas relativas a um futuro pleno de possibilidades, ofereça condições para que os projetos se transformem em realidade. Assim, a ideia da migração como possibilidade de criação de um novo futuro se alicerça na perspectiva de encontrar efetivas oportunidades para chegar à qualidade de vida desejada. Porém, na medida em que o migrante passa a conviver com a realidade brasileira, cujos desdobramentos lhe impõem o enfrentamento com o preconceito, com dificuldades de acessar emprego, custos efetivos para se estabelecer no novo país e impasses para realização de seus projetos, passa a imperar *o reencontro com a desilusão*. Nesse terceiro tempo, o efeito da desesperança se faz evidente, expondo com crueza o desamparo e a vulnerabilidade do sujeito migrante. Trata-se, agora, da dificuldade de identificar no tempo futuro algo que lhe dê condições de suportar o presente. Percebe-se, assim, que as conflitivas relativas à desilusão com a própria pátria voltam a assombrar e restringir as condições de planejamento do futuro.

A dificuldade do sujeito migrante de metabolizar os impactos desse terceiro tempo no processo de deslocamento se fez evidente nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. No desenvolvimento de suas narrativas, uma expressão frequentemente se repetia. Seja na alusão ao que havia motivado a saída do Haiti ou às expectativas relativas à experiência de estar em

solo brasileiro, chamava a atenção a repetição de “só isso”. Fernand, Charlotte e Mirela ao usarem a mesma expressão em narrativas diversas põem em evidência o quanto o enfrentamento com as adversidades do processo migratório exigem constantemente do sujeito transpor barreiras e denunciam tanto o desamparo, como as diferentes faces da vulnerabilidade psíquica.

“Daí eu quero começar a viver minha vida, porque eu to trabalhando aqui só pra ajudar minha família, só pra minha família. Cada mês eu recebo eu tenho que mandar dinheiro lá direto pro Haiti. O dinheiro não vai ficar pra mim. O que que vai ficar pra mim, só o dinheiro do aluguel e comida. Só isso.” – (Fernand).

“(...) eu sempre pensei que sair do Haiti, conseguir outro país pra ir, conseguir um emprego e [trazer] minha família. Só isso.” – (Charlotte).

“Depois eu tá grávida, eu ficar aqui sem fazer nada agora. Só isso.” – (Mirela).

Percebe-se, na expressão que insiste nas narrativas dos migrantes, uma redução que esconde a complexidade presente nos impactos da experiência migratória. Trata-se de uma complexidade, cuja extensão nem eles mesmos conhecem e, portanto, parecem tentar manejá-la com o uso da expressão “só isso”. Pode-se identificar evidente esforço por parte dos participantes do estudo para enfrentar, como conseguem, o sofrimento despertado pelo fenômeno migratório. A escuta dos migrantes haitianos nesta pesquisa possibilitou a aproximação a conflitivas fundamentais decorrentes de um deslocamento cuja extensão e intensidade não deve ficar à margem de estudos e reflexões sobre a condição dos sujeitos migrantes.

Nesse sentido, por meio da escuta ofertada no processo investigativo, evidencia-se a relevância de considerar a singular condição de sujeito presente na experiência migratória. Trata-se de atentar para o fato de que, além dos impactos políticos, jurídicos e sociais envolvidos nas situações de migração, é fundamental considerar os efeitos psíquicos na

subjetividade do migrante. Esta segunda asserção permitiu explorar o inestimável valor de dar espaço, em um processo de pesquisa, à narrativa do próprio sujeito sobre a singularidade do que se experiêcia. Entende-se, dessa forma, que o convite ao participante da pesquisa para que possa narrar sua experiência permite uma produção de conhecimento sobre uma determinada temática, que inclui e reconhece a contribuição que advém da forma como um sujeito experiêcia um dado fenômeno.

Considerações Finais

Os movimentos migratórios portam uma complexidade que demanda um trabalho de reflexão a respeito dos recursos de enfrentamento do sujeito, em uma condição de vida que vai muito além de uma transição geográfica. Assim, o estudo sobre o fenômeno migratório de sujeitos haitianos descortinou singulares implicações na forma de aproximação a essa temática.

A constante vivência de miséria e desamparo no Haiti, incrementada com o intenso terremoto de 2010, provocou uma migração em massa de haitianos para o Brasil. A escolha pelo novo país está marcada por diversas expectativas e esperanças, sustentada na ideia de construir uma nova vida com melhor qualidade e oportunidades. No entanto, o processo de deixar o país de origem e partir para um novo lugar demanda importantes movimentos no que diz respeito a administrar os investimentos que passam a ficar sob o efeito da saída do Haiti, bem como a exigência de estabelecer novos laços no país de chegada. O desafio de administrar o que deixa para trás, bem como o que se apresenta como nova possibilidade de vida, incide, inevitavelmente, sob os aspectos identitários do sujeito migrante. Nesse sentido, este estudo objetivou investigar a problemática concernente a esses processos, que passam a ser inerentes à experiência migratória. Por meio das narrativas dos três haitianos participantes

da pesquisa, foi possível identificar e explorar os efeitos psíquicos que neles operaram, associados ao enfrentamento de demandas identitárias decorrentes da experiência migratória.

Após obterem o êxito de chegar em um novo país, os migrantes são exigidos no enfrentamento de dificuldades que não imaginavam encontrar. Trata-se, portanto, de encarar as consequências da decisão tomada frente à constatação, por vezes, da disparidade entre as expectativas que moveram o deslocamento e as efetivas condições encontradas no país de chegada. Constatou-se que os migrantes haitianos que chegaram ao Brasil depararam-se com impasses em relação à obtenção de emprego, condições de moradia, dificuldade na aquisição de idioma, bem como uma surpresa frente a práticas de racismo.

Assim, os migrantes passaram a se deparar com diferentes formas de recepção por parte dos brasileiros, as quais variaram desde um cuidadoso acolhimento até práticas racistas e xenófobas. A dramaticidade desse cenário, no qual são progressivamente frustradas as expectativas de construir novas e melhores condições de vida, denuncia as precárias relações alteritárias estabelecidas no processo migratório. Nessa perspectiva, observou-se claramente nas narrativas dos participantes deste estudo que suas escolhas de permanência no Brasil mostravam-se cada vez menos atreladas à expectativa de encontrar melhores condições de vida e cada vez mais na direção de evitar o retorno ao país de origem, que apresenta piores situações em comparação com o Brasil. Configura-se, nessa dinâmica, inegável impacto decorrente do (re)encontro com as condições de violência e desamparo já experienciadas cotidianamente no Haiti. Assim, a experiência migratória haitiana convoca os estudiosos de tal fenômeno a considerar tanto a singularidade do sujeito migrante, como também o efeito que esse provoca ao apresenta-se como estrangeiro no Brasil.

Por meio do espaço de escuta ofertado aos participantes desta pesquisa, foi possível lançar luz e resgatar a condição de sujeito que pode narrar-se a partir da singularidade do que experienciou. Através da reflexão a respeito das motivações do deslocamento migratório, dos

impasses com os quais se depara e das reais condições de acolhida ofertadas ao migrante haitiano, passa a ser possível e urgente articular ações e intervenções que possam efetivamente dar conta da complexidade do que motiva um sujeito a deixar tudo para trás e buscar outras formas de convívio alteritário.

Referências

- Alexis, J. (1970). Do realismo maravilhoso dos haitianos. Disponível em: <www.ufrgs.br/cdrom/alexis/jalexis.pdf> Acesso em: 06.11.2017
- Almeida, C. D., & Brandão, B. M. (2015). Imigração, mídia e sociabilidade dos haitianos. *Revista Observatório*, 1(3), 62-79.
- Barbosa, L. (2015). *Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Porto Alegre.
- Bijos, L. (2015). Deslocamentos forçados por questões ambientais: haitianos no Brasil. *Terceiro setor e tributação*, 7, 111-135.
- Bleichmar, S. (2003). *Dolor país*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Bleichmar, S. (2005). *La subjetividad em riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Bleichmar, S. (2009). *Estallido del yo, dismantelamiento de la subjetividad*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Correio do Povo. (16 de outubro de 2017). *ONU encerra missão no Haiti comandada pelo Brasil*. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2017/10/631547/ONU-encerra-missao-no-Haiti-comandada-pelo-Brasil>> Acesso em: 06.11.2017

- Da Silva, L. M. M., & Lima, S. S. (2016). Imigração Haitiana no Brasil: os Motivos da Onda Migratória, as Propostas para a Inclusão dos Imigrantes e a sua Proteção à Dignidade Humana. *Direito, Estado e Sociedade*, 48, 167-195.
- Daure, I., Reyverand-Coulon, O., & Forzan, S. (2014). Relações Familiares e Migração: Um Modelo Teórico-Clínico em Psicologia. *Psicologia Clínica*, 26(1), 91-108.
- Dias, A. (2011). *A participação das forças armadas no Haiti pós-terremoto 2010* (Trabalho de Conclusão de Curso). Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro.
- Dicionário de Nomes Próprios. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/> Acesso em: 12.12.2017
- Diehl, F. (2017). *Estrangeiro em uma terra estranha: racialização e estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado, Rio Grande do Sul* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Durans, C., & Santos, R. (2016). Haiti: significado histórico, realidade e perspectivas. *Revista de Políticas Públicas, número especial*, 127-133.
- Erickson, F. (1986). Métodos Qualitativos na Pesquisa sobre o Ensino. In M. Wittrock (Ed.), *Livro de bolso de Pesquisa sobre o Ensino* (pp.119-161). Nova Iorque: MacMillan.
- Erickson, F. (1997). Metodos cualitativos de investigación sobre la enseñanza. In: M. Wittrock (Org.), *La investigación de la enseñanza* (pp. 195-301). Barcelona: Paidós.
- Escobari, D. M. (2009). *Quem da pátria sai a si mesmo escapa? Um estudo psicanalítico sobre migração*. São Paulo: Escuta.
- Fernandes, D., & Castro, M. C. (2014). *Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral* (Projeto de Pesquisa). PUC Minas, Belo Horizonte.
- Freud, S. (2006). Luto e Melancolia. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp.249-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917[1915])

- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.21, pp.67-151). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Handerson, J. (2015). *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname, e na Guiana Francesa* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera Editora; Livraria Ltda.
- Hurbon, L. (2017). O Haiti não está a salvo. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/pagina-aberta/o-haiti-nao-esta-a-salvo.html>
Acesso em: 05.11.2017
- Kude, V. (1997). Como se faz Análise de Dados na Pesquisa Qualitativa. *Revista Psico*, 28(2), 183-202.
- Lucenna, L. (2014). O Brasil e a MINUSTAH – ou a busca de novos parâmetros para uma política externa brasileira “altiva” e “ativa” em operações de paz das nações unidas. *Século XXI*, 5(1), 129-149.
- Mallard, S., Cremasco, M., & Metraux, J. C. (2015). Estrangeiridade e vulnerabilidade psíquica: Algumas contribuições psicanalíticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 125-132.
- Mendes, E. D., Viana, T. C., & Bara, O. (2014). Melancolia e Depressão: Um Estudo Psicanalítico. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 30(4), 423-431.
- Milesi, R. *Brasil e os desafios da lei de migrações*. 18 jan. 2012. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505828-entrevista--especial-com-rosita-milesi>
Acesso em: 05.11.2017

- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: Causas e desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114.
- Rocha, E. P. (2014). Adivinhe quem vem para jantar? O imigrante negro na sociedade brasileira. *[Syn]thesis*, 7(2), 121-132.
- Rosa, R. M. (2010). Subjetividade e subversão do racismo: Um estudo de caso sobre haitianos na república Dominicana. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 18(34), 99-112.
- Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasileira: CSEM.
- Rother Hornstein, M. C. (2006). *Adolescencias: trayectorias turbulentas*. Buenos Aires: Paidós.
- Santos, S., & Cecchetti, E. (2016). Imigrantes haitianos no Brasil: entre processos de (des)(re)territorialização e exclusão social. *Revista de estudios brasileños*, 3(4), 61-72.
- Silva, J. C. J. (2015). As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra. *ACTA Geográfica*, 9(20), 141-151.
- Tisatto, C. (2016). A fome e a educação no Haiti: uma ausência de direitos? *Licencia & Acturas*, 4(1), 52-59.
- Turato, E. R. (2010). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Esta Dissertação possibilitou explorar os singulares processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à experiência migratória de sujeitos haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. A partir da oferta, nesta pesquisa, da escuta de narrativas de migrantes haitianos foi possível problematizar, para além de questões políticas e sociais, os aspectos subjetivos presentes nos deslocamentos humanos.

Por meio da apresentação da história do Haiti da migração haitiana, bem como de elementos relativos às singulares experiências migratórias dos participantes da pesquisa, ilustraram-se os desafios psíquicos impostos ao sujeito no processo migratório. As narrativas dos migrantes permitiram constatar que a migração se deu como busca por encontrar em um novo país condições que a própria pátria não oferecia. Nesse sentido, são identificadas pelos participantes tanto condições políticas, sociais e climáticas, como também o desamparo da população do Haiti como razões promotoras de seus deslocamentos para outros países.

Sabe-se que a entrada de migrantes em outra cultura implica o confronto com o novo e também a administração de necessários desinvestimentos relativos ao que foi deixado para trás. Assim, o trabalho psíquico a ser efetivado pelo migrante alude tanto à necessidade de desinvestir, bem como de estabelecer novos investimentos em projetos e relações alteritárias. Nesse delicado equilíbrio entre condições e recursos de desinvestir e investir, o sofrimento psíquico pode aparecer como força produtora de padecimento. Assim, a vulnerabilidade presente na condição de deslocamento migratório não pode ser desconsiderada por aqueles que se dedicam a estudar esse fenômeno humano.

A chegada ao contexto brasileiro, segundo os participantes da pesquisa, também implicou o enfrentamento com importantes frustrações e impasses, na medida em que suas expectativas não eram correspondidas pela realidade encontrada. A frustração vivenciada pelos migrantes provocou singulares efeitos em suas vidas, não deixando dúvidas quanto à

relevância de que sejam identificadas as especificidades do mal-estar que se instituiu quando a frustração superou as expectativas. Trata-se, assim, de um mal-estar que se constitui a partir da precariedade de recursos de enfrentamento com a inegável diferença entre suas expectativas e as reais condições de alcançá-las. Além disso, mais especialmente em relação aos migrantes haitianos, constatou-se que a vinda ao Brasil pode vir a fomentar e intensificar o desamparo social já experimentado por esses sujeitos no Haiti.

Destaca-se, portanto, que quando a chegada ao novo país reproduz precárias condições de vida e falha em suas possibilidades de auxílio e acolhimento, o aspecto da vulnerabilidade psíquica do migrante é evidenciado. Nesse sentido, os migrantes haitianos narram diferentes formas de serem recebidos pelos brasileiros, que variam desde um cuidadoso acolhimento até discursos racistas e xenófobos, além da frequente violação de direitos humanos. Nesse sentido, o cuidado às especificidades presentes no percurso migratório de cada sujeito implica reconhecer a vulnerabilidade psíquica e o risco de padecimento que ficam incrementados, no momento em que os aspectos subjetivos são desconsiderados na reflexão sobre a experiência migratória.

A escuta ofertada no campo desta pesquisa fomentou um contexto de atenção e cuidado àquilo que, por vezes, tende a ser excluído da produção de conhecimento no âmbito científico. Constata-se, portanto, que a via da palavra, neste estudo, possibilitou um caminho para desvelar conflitos até então silenciados. Dessa forma, foi possível instigar os sujeitos entrevistados a recuperar o papel de protagonistas de sua própria história. Nessa perspectiva, a contribuição desta pesquisa está em colaborar com a reflexão sobre os aspectos psíquicos envolvidos no fenômeno migratório, visando propiciar subsídios que cada vez mais embasem intervenções que considerem o sujeito migrante em sua totalidade, dados os diversos setores sociais.

Constata-se que a complexidade presente no fenômeno migratório convoca, também, outras áreas do conhecimento a se ocuparem desta temática. Assim, esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar contribuições a respeito da experiência de migração. Pelo contrário, dela decorrem questões que conduzem à necessidade de novos estudos e ações que visem a garantir a assistência integral aos migrantes e, para tal, é essencial considerá-los sempre como sujeitos.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise

Pesquisador: Mônica Medeiros Kother Macedo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58359816.7.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.743.178

Apresentação do Projeto:

O projeto "Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise", busca fomentar a reflexão sobre aspectos subjetivos intervenientes nestes complexos deslocamentos de pessoas, os quais inerentemente aludem à presença de um sujeito psíquico que deixa muito para trás, movido pela expectativa de uma vida melhor. A Psicanálise apresenta-se como consistente aporte teórico para uma compreensão aprofundada desse fenômeno, possibilitando que não se negligencie a complexidade dos elementos eminentemente humanos que estão para além de acordos e convenções sociais e jurídicas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Geral

- Explorar complexidades e demandas psíquicas relativas às vivências do sujeito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon **CEP:** 90.619-000
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 **Fax:** (51)3320-3345 **E-mail:** cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.743.178

migrante.

Objetivos Específicos

- Identificar modalidades narrativas produzidas pelo sujeito migrante sobre sua vivência;
- Investigar os processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à vivência migratória;
- Explorar os recursos psíquicos associados ao enfrentamento de demandas identitárias decorrentes da vivência migratória;
- Compreender como o fenômeno migratório incide sobre as subjetividades e na formação da identidade migrante;
- Explorar aspectos culturais relativos às formas de laço social entre o migrante e a comunidade de inserção;
- Aprimorar recursos metodológicos da prática investigativa em Psicanálise;
- Produzir aportes metapsicológicos acerca da vivência migratória;
- Fomentar a capacitação e a expertise no âmbito da investigação e do estudo sobre a complexidade do fenômeno migratório.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos referem-se ao desconforto que os participantes possam experimentar relacionado ao fato de, durante as entrevistas, abordarem situações que podem ter sido difíceis, provocando-lhes alguma mobilização afetiva.

Ressalta-se, todavia, que, caso haja necessidade, está assegurada a possibilidade de encaminhamento desses ao Serviço de Atendimento e

Pesquisa em Psicologia (SAPP), Serviço-escola do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, a fim de receber atendimento psicoterápico gratuito com frequência e duração a serem definidas de acordo com a necessidade identificada pelos profissionais do Serviço.

Benefícios:

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
 Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.743.178

Os benefícios advindos da situação de entrevista serão, além da contribuição para o desenvolvimento de um estudo científico, aqueles relativos à oportunidade que os participantes terão para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância científica ao propor uma interessante reflexão sobre os movimentos migratórios para além das questões jurídico/administrativas, propondo um espectro amplo de estudo nas subjetividades dos atores envolvidos nesse processo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados termos para a realização da pesquisa.

Recomendações:

De acordo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram resolvidas as pendências e lista de inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS n° 466 de 2012 e da Norma Operacional n° 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_760351.pdf	01/09/2016 17:34:20		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pedido_de_reconsideracao.pdf	01/09/2016 17:29:44	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Orçamento	Orcamento_alterado.pdf	01/09/2016 17:29:14	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_Alterado.pdf	01/09/2016 17:28:57	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucls.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.743.178

Justificativa de Ausência	TCLE_Alterado.pdf	01/09/2016 17:28:57	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_alteracoes_CEP.pdf	01/09/2016 17:28:25	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Link_curriculos_equipe_de_pesquisa.docx	03/08/2016 13:43:18	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_Assinada.pdf	15/07/2016 19:37:41	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Carta_Declaracao_Conhecimento_SAP_P.pdf	15/07/2016 15:02:34	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Carta_Aprovacao_Comissao_Cientifica.pdf	15/07/2016 15:00:49	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Documento_Unificado_do_Projeto_de_Pesquisa.pdf	15/07/2016 15:00:01	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/07/2016 14:58:13	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	15/07/2016 14:57:52	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Dispenza_Autorizacao_Institucional.pdf	15/07/2016 14:57:33	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	15/07/2016 14:55:37	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	15/07/2016 14:55:22	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 24 de Setembro de 2016

Assinado por:
Denise Cantarelli Machado
(Coordenador)

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puccrs.br

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Estamos convidando-o(a) para participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise**”. Este estudo pretende conhecer a experiência de migrantes haitianos que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, coordenado pela Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo no Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Acreditamos que a experiência de migrar para um país estrangeiro comporte muitas singularidades. Neste sentido, o estudo tem como objetivo conhecer as diferentes etapas pelas quais um migrante passa e tentar contribuir com a produção de conhecimentos que venham favorecer condições para que esta experiência ocorrer da melhor maneira possível. Para tanto, será realizada uma entrevista a ser gravada em áudio e, posteriormente, transcrita. Os achados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica assegurada a preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes.

Sua participação no estudo é voluntária, e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). O maior desconforto que você poderá experimentar relaciona-se ao fato de abordar situações que podem ter sido difíceis, podendo vir a lhe provocar alguma mobilização afetiva. Caso haja necessidade, está assegurada sua possibilidade de encaminhamento ao Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP), Serviço-escola do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, a fim de receber atendimento psicoterápico gratuito com frequência e duração a serem definidas de acordo com a necessidade identificada pelos profissionais do Serviço. O benefício desta entrevista será a contribuição que estará dando para o desenvolvimento de um estudo científico e, também, poderá ser uma oportunidade para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada. Recebi informações a respeito da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer

momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação se assim eu o desejar.

Quaisquer dúvidas relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, fone (51) 3320-3633, ou pela entidade responsável, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, localizado no Hospital São Lucas da PUCRS, na Av. Ipiranga 6681, Prédio 50, Sala 703, Porto Alegre /RS, Brasil, CEP: 90619-900, Fone/Fax: (51) 3320.3345. E-mail: cep@pucrs.br. Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira, das 8h às 12h horas e das 13h30min às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Declaro que recebi uma via, de igual forma e teor, do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do participante

Data

Pesquisadora responsável

Data

ANEXO C - Ficha de Dados Pessoais e Sociodemográficos

Data: _____/_____/_____

Dados de Identificação:

Profissão: _____

Sexo: _____

Data de Nascimento: _____

Nacionalidade: _____

Cidade de origem: _____

Data da Chegada ao Brasil: _____

Países, Estados e Cidades por onde passou: _____

País de destino: _____

Estado Civil:

 Solteiro (a) Casado (a) Viúvo (a) União Estável Divorciado (a)**Dados Familiares**

Com quem você mora?

 Sozinho Pai Mãe Irmãos /Quantos? _____ Companheiro (a) /Quanto tempo? _____ Filhos (as) / Quantos? _____ Idades: _____ Outros _____**Familiares próximos (marido/esposa, filhos(as), irmãos, pais)**Vieram junto? Sim Não

Quem?

_____ Permanecem? _____ Trabalham? _____

Permaneceram ? Sim Não

Quem?

_____ Onde? _____

Dados de Saúde

Tem atividades de lazer? () Sim () Não

Quais: _____

Você fez/faz tratamento psicológico/psiquiátrico? () Sim () Não

Há quanto tempo? _____

Motivo: _____

Faz uso de medicação psiquiátrica? () Sim () Não

Qual: _____

Há quanto tempo? _____

Dados Profissionais:

Escolaridade: () Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação

Trabalhos que já realizou: _____

Períodos de realização dos trabalhos: _____

Profissão: _____

Trabalha atualmente? () Sim () Não Período: _____

Carga horária de trabalho semanal total: _____

Atividades desempenhadas pelo profissional: _____

ANEXO D - Carta de Declaração de Conhecimento

CARTA DE DECLARAÇÃO DE CONHECIMENTO

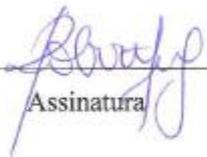
À
Comissão Científica da Faculdade de Psicologia e
Comitê de Ética em Pesquisa
PUCRS

Porto Alegre, 27 de junho de 2016.

Prezados Senhores

Eu, Roberta Araujo Monteiro, professora coordenadora do Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP), Serviço-escola da Faculdade de Psicologia da PUCRS, conheço o Projeto de Pesquisa intitulado "**Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise**", da Pesquisadora Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, e coloco esse serviço à disposição para receber participantes dessa pesquisa que venham a apresentar possíveis necessidades de avaliação e/ou atendimento psicológico.

Atenciosamente,


Assinatura

RG: 8070300143

Matrícula: 85120

Telefone: 51 - 33203561

Carimbo:

Serviço de Atendimento e Pesquisa
em Psicologia - SAPP
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 11 - Sala 209
Escola de Humanidades - PUCRS